

BIBLIOTECA NACIONAL  
RIO DE JANEIRO  
CONT. REGA

# CENA

*muda*



Número 52 ★ 27/12/1949  
CR\$ 3,00 EM TODO O BRASIL

NÊSTE NÚMERO:

**REALISMO NO  
CINEMA NACIONAL**



# insinuante

A SAPATARIA  
MAIS QUERIDA  
da CIDADE

*Sugere*  
UM PRESENTE  
UTIL  
AGRADAVEL  
ECONOMICO



46-CARIOCA-48  
SETE de SETEMBRO  
199-201



LOIS MARSH DEU UM PASSO EM FALSO

# ESQUINA DA VIDA

## A CENA

Nº 52 ★ 27/12/1949

### S U M Á R I O

Esquina da vida (Leon Eliachar) .....	3
Realismo no Cinema Nacional (Eduardo Argôlo) .....	4
Telas da Cidade (Alex Viany) .....	6
Meu Primeiro Amor (Dianna Lynn) .....	7
Flashes Mundiais .....	8
Ricardo Montalban (close-up) .....	10
Amália Rodrigues, a deusa do fado (Alberto Coimbra) ..	11
Cinema Brasileiro (Jornald) ..	12
Futuras Estréias .....	14
O Natal das estréias .....	14
Cine-Aqui (Leon Eliachar) ..	15
Baixa (cine-romance) .....	16
Cinco modelos num só .....	18
Fred McMurray .....	20
Uma dupla? .....	21
Melodias para você .....	22
Coluna do Fan .....	24
Cartas ao Editor .....	24
Em Câmera Lenta (Brandão Reis) .....	25
Rádio (A. C.) .....	28
Betty Hutton na intimidade ..	32
Pausa para meditação .....	34
De todo o mundo .....	34

★

### NOSSA CAPA

TONIA CARRERO — Estudou teatro em Paris, trabalhou em "Caminhos do Sul" e "Quando a Noite Acaba", películas de Fernando de Barros. É a figura central da peça de Guilherme de Figueiredo, em cartaz no Copacabana, "Um Deus Dormiu Lá em Casa".

## leon eliachar

Lois Marsh desabrochava para a vida. Pouco mais de dezessete anos. A ingenuidade, a graça e a beleza envolvem a inocência das jovens dessa idade. "Já está ficando uma moça" — dizem todos. Qual nada, quando as meninas atingem essa idade, sempre querem parecer mais velhas. Lambusam o rosto de cosméticos, ajeitam os cabelos, levam duas horas para se preparar, e gostam de receber assovios dos homens. Não sabem por que, mas gostam. Suas conversas entre amigas, giram tôdas em torno do outro sexo. "Ele disse isso", "Ele se parece com fulano", "Ele não seria capaz de...", "Ele, ele... ele...". Sempre "ele". O primeiro namorado, que não lhe resiste aos encantos e que a trata com boas maneiras e com solicitude, satisfazendo-lhe tôdas as vontades, sente-se ainda mais atraído por ela, no dia em que a leva ao primeiro baile. Sim, porque, desta vez, ela usa um decote mais audacioso, deixando grande parte do colo à mostra. Não sabe por que, mais deixa. Sente-se bem, sente-se alegre, quando o seu peito começa a arfar e o seu galã tenta encobrir o seu nervosismo com perguntas mais ou menos tôlas, com palavras de carinho que se tornam sinceras no momento. Lois Marsh também tinha um namorado, também foi ao seu "primeiro baile" de gala, e também foi convidada para um passeio de automóvel, altas horas da noite. O carro deslizou serenamente pela estrada deserta e escura, levemente banhada pela luz do luar. Parou num recanto lindo, onde a paisagem era um convite aberto ao romantismo. Um romance sob a luz pálida do luar — não é essa ambição de tôdas as jovens? O carro parou. O rádio foi desligado, e o silêncio falava tudo. Até as palavras de carinho e de ternura silenciaram ante a linguagem de seus olhos, enquanto seus lábios se aproximavam lentamente para se prenderem num longo e demorado beijo. Cada vez mais a expressão de seus olhos se modificava. Que se passava em suas cabeças irresponsáveis, que se tornam mais irresponsáveis ainda em face do excitamento? Nesse momento, os espíritos mal formados deixam-se dominar pela força estranha da emoção. O instinto sexual dificilmente pode ser freiado pelas pessoas não educadas para enfrentarem os sérios problemas da vida. Um beijo, um abraço, a respiração forçada, o coração acelerado, e as unhas da moça cravam-se violentamente nas carnes do rapaz...

Depois... E' nesse "depois" que reside tôda a tragédia. O jovem tem de ausentar-se por uns tempos, e quando recebe um telefone da pequena, apressa-se em reparar o seu erro, indo ao seu encontro, para casar-se, pois realmente a amava. Mas quis a fatalidade que um desastre de automóvel lhe arrebatasse a vida, e a criança que iria nascer jamais teria um pai...

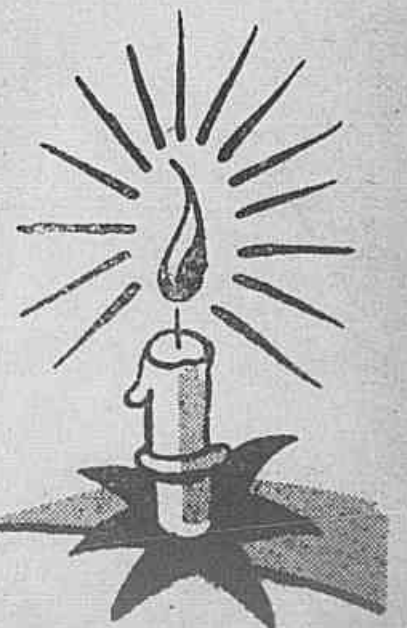
Esse não é o "problema" de Lois Marsh, a personagem sacrificada de "Esquina da Vida". Esse é o problema de muitas e muitas jovens, em tôdas as partes do mundo. Quando Freud jogou aos olhos do mundo a sua doutrina da psicanálise, fundamentada basicamente no "problema do sexo", não faltou quem lhe cuspiasse na cara, quem o taxasse de imoral. E, no entanto, sempre foi e sempre será o "sexo" o movimentador do mundo, o "pivot" da existência humana, em todos os seus aspectos. E, assim sendo, porque não estudá-lo minuciosamente? Todos sabem que ele existe, que não deixará de existir. Mas um falso pudor, um medo incompreensível da verdade, faz-nos ruborizar diante da mais crua e sincera realidade. Ninguém pode bani-lo; apenas limitam-se em transformá-lo num mal que em verdade não é.

"Esquina da Vida", todavia, não encara o "problema do sexo" sob o ponto de vista freudiano. Não. Limita-se a focalizar, de forma crua e direta, as suas consequências na juventude mal orientada de nossos dias. Seu principal motivo é condenar o "abôrto", que é taxado como um crime — embora solucionando, parcialmente, os erros irrefletidamente cometidos. Essa solução monstruosa, que cobrirá, aparentemente, a desonra, só poderá ser evitada, com a educação dos próprios pais, os verdadeiros responsáveis pelos erros dos filhos. Sua negligência não pode ser perdoada. O mal deve ser evitado pela raiz. E' necessário que se eduque primeiro os pais para que os próprios pais possam educar os filhos. O julgamento fácil de que os filhos aprendem tudo no campo experimental, em conversas, na própria esquina da vida, é um erro criminoso que faltamente pode levá-los à desgraça eterna.

Não, não são necessárias Legiões da Decência para moralizar um povo, para instruir as massas. A Legião da Decência é o nosso próprio lar, de onde devem partir todos os ensinamentos, o mapa de nossa conduta devidamente traçado pela educação dos próprios pais. Não existe imoralidade; o que existe é uma crua verdade que deve ser respeitada, que deve ser aprendida.

Não se encarando o filme sob o ponto de vista técnico, evidentemente mal dirigido, com interpretações falhas, a intenção prevalece, fazendo-nos esquecer tôda a sua deficiência, mantendo o fio de sinceridade a que se propôs. A crueza e o realismo de certas "catástrofes sexuais", filmadas friamente, obrigando aos exibidores à projeção da película em seções diversas (para homens e mulheres) bem nos revela o espírito de franqueza a que se destina essa obra, realmente louvável. Filmes como êsse, de caráter estritamente educativo, deveriam ser produzidos em massa, cumprindo uma das grandes finalidades do cinema, instruir, ensinar, orientar o homem para a vida.

Lois March, é verdade, cometeu um erro. Não por culpa sua, não por culpa de seu namorado, que estava disposto a casar-se com ela. Mas quantas e quantas meninas, iguais a ela, não estarão cometendo o mesmo erro, neste instante? E quantas e quantas outras meninas, aprenderão essa lição, e evitarão êsse passo em falso que é uma cilada da própria vida, depois de assistirem a essa película? E é êsse, justamente, senhores, o verdadeiro mérito desta fita.





FERNANDO DE BARROS  
Apresenta seu segundo filme

# REALISMO NO CINEMA BRASILEIRO

De "Caminhos do Sul" a "Quando a Noite Acaba" ★ História escrita especialmente para o cinema ★ Realização difícil que se tornará em triunfo ★ Um drama ocorrido dentro das próprias noites cariocas

Reportagem de EDUARDO ARGOLO

Dentro de pouco tempo será estreado mais um filme brasileiro: Quando a Noite Acaba, cujo argumento foi escrito especialmente para o cinema por José Amádio. O diretor é Fernando de Barros, o homem que conseguiu dar ao cinema nacional uma película diferente: Caminhos do Sul. Pode-se dizer que em Caminhos do Sul Fernando de Barros ainda não encontrara seu verdadeiro rumo. O filme está muito longe da obra-prima. Mas de qualquer modo, sente-se nele uma violenta vontade de acertar. Sente-se ainda, critério e honestidade, dois fatores mais ou menos correlatos mas que infelizmente nem sempre podem ser empregados quando se fala em cinema brasileiro. Em Caminhos do Sul, as regras fundamentais da sétima arte foram respeitadas, ou, pelo menos, o diretor demonstrou ter noção das mesmas. O que já é muito. Os tipos estão ótimos, reais, a fotografia é bonita e — o que é mais importante, em se tratando de cinema brasileiro — não há sequer uma cena ridícula. Alguém já escreveu que o dia em que o nosso cinema conseguisse livrar-se do ridículo, um grande passo estaria dado. E o passo foi dado... E' bem verdade que Caminhos do Sul encerra muitos defeitos, alguns bem graves até (o som, em certas cenas, é precário e o filme carece de unidade, muito embora desenvolva-se quase sempre num mesmo plano). Caminhos do Sul

não tem história — e aí reside sua principal deficiência. Se contasse com um bom argumento, com um entreccho que ao invés de dissolver-se de quando em quando resultasse numa peça única — teríamos um filme digno de ser exportado. Ao adaptar o livro de Ivan Pedro de Martins, Fernando de Barros jogou com uma série de sutilezas, de intenções, de símbolos — mas poucas dessas coisas passaram do papel para a tela. Foi uma espécie de traição literária, um pesado tributo que pagam aqueles que confundem palavras com imagens. De qualquer modo, façamos justiça: examinemos criteriosamente os últimos filmes nacionais e chegaremos a uma conclusão: Caminhos do Sul está na ponta. Ou não?

A filmagem exigiu grandes sacrifícios. Uma equipe de 30 artistas e técnicos transportou-se para o pampa riograndense e lá trabalhou arduamente durante quase três meses. Fernando de Barros e seus companheiros comeram fogo até que a obra estivesse realizada. Para todos eles, teria sido muito fácil rodar um argumentozinho carnavalesco qualquer, embolsar o dinheiro e largar para outra aventura. Mas a rapaziada preferiu desbravar. E venceu, não obstante as dificuldades, os problemas que surgiam a cada passo. Mas isso não interessa ao público. O que interessa é o filme. E Caminhos do Sul está sendo exibido no Rio.

O segundo filme de Fernando de Barros, o citado Quando a Noite Acaba foi feito em outras condições. Não só a experiência adquirida no sul foi de muita utilidade, como também as condições técnicas com que o diretor pode contar desta vez modificaram completamente o panorama. A primeira preocupação foi conseguir uma história realmente cinematográfica, uma história cuja linha argumental tivesse capacidade de prender o público de princípio a fim. Conseguida esta, foram estudados a fundo todos os outros detalhes do complexo processo de elaboração de um filme. Desta vez, resolveram contratar na Argentina um iluminador e um cameraman. O primeiro, Mário Pages, é considerado o número um dos Estúdios San Miguel. O outro é Autchuler, homem que domina sua profissão. A película foi rodada com aparelhagem moderníssima e o som foi gravado pelo sistema RCA Victor. A direção de produção coube a Mário Del Rio, competente técnico que nos veio dos estúdios mexicanos. Mário Del Rio também foi o montador de Caminhos do Sul.

Os papéis bases de Quando a Noite Acaba foram escritos especialmente para os atores que deveriam interpretá-los, de acordo com a personalidade artística de cada um. Assim, Tônia Carrero vive o papel de Margarida, jovem sim-



Roberto Acácio e Jackson de Sousa numa cena dramática de "Quando a Noite Acaba"



Tônia Carrero e José Lewgón, num momento do segundo filme de Fernando de Barros



Tônia Carrero e Roberto Acácio, continuam o romance "iniciado" em "Caminhos do Sul"



O que acontece quando a noite acaba? Esperemos a resposta que nos será dada no filme baseado numa história de José Amádio

ples e conhadora que de súbito é jogada pelas circunstâncias no mar agitado da realidade. O primeiro terço da película representa uma tentativa de fixação, em ritmo lento, das realidades de uma família brasileira pobre. Mas depois do "mau passo" da jovem cujo marido está lutando na Itália, o filme cresce em ritmo e realismo. Orlando Vilar, Roberto Acácio, Inês Valéria, Jackson de Sousa, Maria Castro e José Legay, também aparecem com destaque.

Quase dois terços de Quando a Noite Acaba foram filmados em exteriores — isso dentro da própria cidade do Rio de Janeiro. A companhia produtora, "Artistas Associados", não mediu despesas para que o original de José Amádio fôsse respeitado. O Rio de Janeiro também é estréla do Filme.

Em Caminhos do Sul Fernando de Barros

ficou apenas na boa exteriorização dos tipos, mas em Quando a Noite Acaba toma-lhes conta da alma, desce ao fundo do sentimento dos personagens e consegue ligar o espectador às suas vidas ora simples, ora amargurada pela dureza da vida. Aliás, sente-se em Fernando de Barros um diretor intimamente ligado à vida, às criaturas. Por isso mesmo, dificilmente êle se atreveria a dirigir uma película que não estivesse no âmbito de sua sensibilidade. Em Quando a Noite Acaba (que será exibido dentro em breve), sente-se a preocupação do detalhe — o segredo que nos dá o real cinematográfico. E' bem verdade que dificilmente dois filmes apenas poderão definir as qualidades de um diretor, mas em seu segundo trabalho Fernando de Barros conseguiu sair do plano da tentativa e fixar-se num

estilo que é o seu estilo. Outra de suas virtudes (aparentemente má para a indústria, algo que desespera aos produtores, mas que é ótima para a arte), por paradoxal que pareça, é o hábito de não fazer economias quando realiza um filme. A economia forçada, tem sido um dos piores entraves ao desenvolvimento do cinema no Brasil. E' claro que com verbas mirradas ninguém consegue comprar bons argumentos ou contratar bons atores. E não é com "decors" de papelão que se empresta realidade a um filme. O cinema é arte. Mas tal arte gira em torno do dinheiro. A conjugação do fator talento com o fator dinheiro é o único segredo que possibilita a expansão do cinema. Em Quando a Noite Acaba, tal fórmula foi usada.

Vocês verão os resultados...



Orlando Vilar e Tônia Carrero, os principais artistas de "Quando a Noite Acaba"



Orlando Vilar mostrou algumas possibilidades em "Caminhos do Sul". Talvez se acentuem em seu novo filme



Nídia Lícia tem um belo tipo de "vamp". Também figura com destaque neste filme dos Artistas Associados

# Telas da Cidade

De ALEX VIANY

## AMARGA ESPERANÇA

**THEY LIVE BY NIGHT** — Produção e distribuição da RKO-Radio (Hollywood), 1947/48. Produção de John Houseman. Direção de Nicholas Ray. Cenário de Charles Schnee, baseado no romance "Thieves Like Us", de Edward Anderson. Cinegrafia de George Diskant. Sonografia de John Cass e Clem Portman. Cenografia de Darrell Silvera e William Stevens. Partitura musical de Leigh Harline. Canção "Your Red Wagon", de Richard M. Jones, Don Raye e Gene Paul. Direção musical de Constantine Bakalnikoff. Lançado no Rio de Janeiro em dezembro de 1949. Elenco: Farley Granger, Cathy O'Donnell, Howard da Silva, Jay C. Flippen, Helen Craig, Ian Wolf, William Phipps, Marie Bryant.

Lembrando bastante "Vive-se uma Só Vez" (You Only Live Once), um dos bons filmes americanos de Fritz Lang, este é um surpreendente drama que serve para revelar o diretor Nicholas Ray. Infelizmente, Ray não teve sorte em seu segundo filme, "A Vida Íntima de uma Mulher" (A Woman's Secret), que, devido ao tema — o lesbianismo, quase completamente escondido na versão final — deve ter sofrido horrores nas mãos da censura de Hollywood, sempre amedrontada diante dos inquisidores da Legião da Decência (sic). Seu terceiro trabalho, "O Crime Não Compensa" (Knock on Any Door), parece ser melhor. Mas as esperanças que deposito no novo cineasta vêm exclusivamente do talento por ele demonstrado em "Amarga Esperança".

História de um jovem criminoso foragido (Farley Granger), e de sua desesperada fuga com a jovem amada (Cathy O'Donnell), o filme baseia-se num forte romance de Edward Anderson, que é uma tremenda condenação da civilização americana. O cenário de Charles Schnee é mais discreto, mas nem por isso deixa de ter força, e está cheio de qualidades cinematográficas. O tema diz que a sociedade é a verdadeira culpada pelos crimes de seus cidadãos. Nada de novo, está visto, mas muito bem apresentado.

Socialmente responsável, "Amarga Esperança" é também comovente e bonito. De fato, é um dos romances de amor mais emocionantes que o cinema tem apresentado nos últimos tempos. Os fans mais suscetíveis dificilmente ficarão de olhos enxutos ao ver a implacável perseguição que a lei move contra Granger & O'Donnell. Ray arrancou magníficos desempenhos desses jovens artistas. Granger está muito melhor que em "O Festim Diabólico". E Miss O'Donnell, talvez a mais completa das atrizes jovens de Hollywood, tem uma trabalho ainda mais preciso que em seu filme de estréia, "Os Melhores Anos de Nossa Vida". E' pena que, em certas seqüências, apareça por demais glamorizada, mas a culpa não é dela. Isso, entretanto, chega a prejudicar um pouco a realidade da narrativa, e vem provar mais uma vez que a maquiagem deve ser muito bem dosada no cinema.

George Diskant foi o cinegrafista, e sua fotografia é da melhor qualidade. Tecnicamente, o filme apresenta interesse especial nas cenas fotografadas de auto-giro, durante a fuga de Granger, Howard da Silva e Jay C. Flippen.

Fora os dois jovens namorados, Howard da Silva e Helen Craig brilham em papéis menores. Os ambientes que o filme apresenta são quase que inteiramente novos — talvez por evitarem caminhos já muito trilhados. E' como se estivessemos vendo, pela primeira vez, o quintal

cheio de capim e cacarecos, abandonado, de um palacete a que vamos diariamente. E lá encontramos tipos e coisas que nos parecem incomuns por serem comuns.

Não é só no título brasileiro que existe amargura. Os dois namorados fortúitos são postos em contacto, depois de cada momento de ternura, com a realidade mais sórdida. Por mais que queiram viver a sua vidinha, fugindo num ônibus, casando-se às pressas, refugiando-se numa cabana isolada, a sociedade persegue-os sempre por um crime que ela própria cometeu. O final é cruel, bárbaro como um pontapé num oponente caído. E "Amarga Esperança" mostra que a sociedade ainda não perdeu o injustificável hábito de considerar o indivíduo como oponente.

Nada de novo, como disse, mas muito bem feito.

## VENDAVAL MARAVILHOSO

Produção David Serrador-Atlântida (Lisboa Rio de Janeiro, São Gonçalo, Salvador e Recife), 1948/49. Direção de Leitão de Barros. Cenário de Joraci Camargo, Leitão de Barros e José Osório de Almeida. Cinegrafia de Izzarelli, Georges Fanto e outros. Partitura musical de Lorenzo Fernandes. Lançado no Rio de Janeiro em dezembro de 1949.

Elenco: Paulo Maurício, Amália Rodrigues, Barreto Poeira, Edmundo Lopes, Isa Lobato, Maria Albertina, Armando Braga, Sales Ribeiro, Santos Carvalho, Armando Rosas, Rosalino Lorenzo.

Inútil dizer que a vida de Antônio Castro Alves, pequena e majestosa, daria um grande filme. Com a possível exceção de Leitão de Barros, todos o sabíamos. E isto que agora vemos, a tal "biografia psicológica" do poeta dos escravos prometida pelo realizador português, além de não aproveitar bem o assunto sob qualquer ponto de vista, falseia lamentavelmente a história — sem apresentar, como compensação, coisa alguma que se pareça com um retrato psicológico ou sequer episódico, do grande baiano. O que Leitão de Barros consegue fazer, e o faz admiravelmente, é deslustrar a memória do poeta, caracterizando-o como um doidivanas, um caga-geste, um gigolô. Não estivesse Castro Alves tão firmemente entronizado no coração dos brasileiros, e sua reputação histórica estaria ameaçada pelo furor "psicológico" do diretor luso.

Sugeri Pedro Lima que o filme deveria ser exibido como uma biografia de Eugénia Câmara — mas a história nem mesmo é um relato romântico do famoso caso ocorrido entre o poeta e a atriz portuguesa. Nem por um momento acreditamos na paixão que uniu os dois, tal como apresentada através da interpretação de Paulo Maurício e Amália Rodrigues e da direção (sic) de Leitão de Barros.

Se insistissemos em procurar qualidades na película, talvez as encontrássemos no desempenho de Paulo Maurício, um estreante sem experiência teatral, que tem físico para o papel de Castro Alves, e que, apesar do completo des-caso do diretor, demonstra possuir um talento aproveitável. O português Barreto Poeira parece ter um desempenho correto no papel de Furtado Coelho, ainda que ninguém consiga entender as suas falas. E Isa Lobato é um tipinho sim-

pático, que, como o herói, merecia melhor sorte. Fora a sua nulidade como cinema e como biografia, "Vendaval Maravilhoso", que é uma apoteose ao mau gosto, do título à última cena, consegue intrigar devido a seu alto custo. Diz-se que oito milhões de cruzeiros foram empregados em sua confecção. Sinceramente, não se vêem três milhões no filme: os panos de fundo são até mal pintados, e aquelas figuras pessimamente desenhadas nos camarotes adicionam ridículo à falta de responsabilidade artística do diretor luso.

Apesar dos pesares — é o que indica "Vendaval Maravilhoso" — talvez seja melhor que o cinema brasileiro capengue por conta própria, sem que gentes de além-mar, aparentando ajudá-lo, lhe passem uma rasteira. Não que devamos desprezar os cineastas estrangeiros dispostos a trabalhar entre nós. O filme de Leitão de Barros, entretanto, mais se assemelha a uma aventura do que mesmo a um trabalho. Talvez o diretor estivesse desviado ao contar uma história revolucionária como a de Castro Alves. Por isso, que continue a distilar a história portuguesa a sua maneira. Dizem-me que "Camões" e "Inês de Castro" tinham qualidades.

## ANTÔNIO E ANTONIETA

ANTOINE ET ANTOINETTE — Produção Gaumont-S.N.E.G. (Paris), 1946/47. Distribuição da Lux-Mar. Direção de Jacques Becker. Cenário de Jacques Becker, Françoise Giroud e Griffe. Cinegrafia de Pierre Montazel. Direção artística de R. J. Garnier. Partitura musical de J. J. Grunewald. Coordenação de Marguerite Renoir. Lançado no Rio de Janeiro em outubro de 1949.

Elenco: Roger Pigaud, Claire Maffei, Noel Roquevert, Annette Poivre, J. Mayran, Gaston Modet, Gérard Oury.

Ex-assistente de Jean Renoir, Jacques Becker começou a dirigir há sete ou oito anos. Seu primeiro filme, "Dernier Atout", não veio ao Brasil, e dele não temos referências muito elogiosas. Já com o segundo, entretanto, Becker despertou a atenção da crítica especializada, que não hesitou em colocá-lo entre os mais promissores dos novos cineastas franceses. Reamente "Mãos Vermelhas" (Goupi Mains-Rouges), já visto no Círculo de Estudos Cinematográficos, é um estranho estudo realístico, em que o ritmo propositalmente arrastado facilita-nos a penetração de um dos grupos de personagens mais complexos até hoje apresentados pelo cinema.

Após outro filme que não vimos no Brasil, "Falbalas", o cineasta fez "Antônio e Antonieta", uma das comédias mais seguras e perfeitas deste ou de qualquer outro ano.

A se acreditar na evidência de dois trabalhos, separados por um período de cinco anos, Becker afasta-se rapidamente de Renoir, aproximando-se de René Clair. Não que ainda esteja à procura de um estilo, ou que se limite a imitar outros diretores. Tanto "Mãos Vermelhas" como "Antônio e Antonieta" são obras independentes, que, apesar das influências alheias, denotam um realizador vigoroso, que sabe contar uma história com segurança, e no ritmo que melhor lhe convém.

Logo de início, vale a pena situar "Antônio e Antonieta" entre as pouquíssimas comédias realísticas do cinema: "Sob os Tetos de Paris", em Julho, de Sturges; e "From This Day de Clair; "Perfest Strangers", de Korda; "Natal Forward", de John Berry, são as que mais se lhe aproximam em ambiente e tratamento. Se a história do filme de Becker tem alguma coisa de "Natal em Julho", o estilo do diretor americano não é reconhecível em seqüência alguma — a não ser, talvez, naquela da luta entre Pigaud e Roquevert. Em sua magistral simplicidade, "Antônio e Antonieta" está mais perto dos três outros filmes citados. René Clair não faria melhor a seqüência do casamento. E a vida íntima de um casal pobre nunca foi tão bem apresentada, nem mesmo naquele excepcional trabalho de John Berry.

De certa maneira, é difícil analisar a obra de Jacques Becker. Ótimo cinema, é, ao mesmo tempo, o cinema menos pomposo, menos evidente que vimos nos últimos tempos. Há muita inteligência atrás de sua aparente simplicidade: não foi à-toa que Becker colocou um cego a



"TRAGICA DECISAO"



"VENDAVAL MARAVILHOSO"



"AMARGA ESPERANÇA"

afinar um piano na sede da loteria, quando Roger Pigaud vai lá buscar o seu prêmio e descobre ter perdido o bilhete. Os sons descontraídos contribuem para tornar ainda mais gráficas a confusão e a angústia do rapaz.

No uso apropriado de "close-ups", Becker é um verdadeiro mestre. Não estando escravizado ao estrelismo, em primeiro lugar, não é obrigado a prejudicar o ritmo através de "close-ups" laturnéricos. Pelo contrário: cada "close-up" aproxima-se das personagens, facilita-nos a observação de suas reações, prenuncia uma ação. Logo no princípio do filme, quando o diretor apresenta Noel Roquevert através de uma série de tomadas cada vez mais próximas, que termina num "close-up" ominosamente hilariante, sabemos que o verdadeiro apaixonado não é um sonhador platônico: seus eloquentes olhos vesgos dizem que ele ambiciona a conquista total da fascinante freguesa. Em outras ocasiões, no apartamento convincentemente pobre e agradável de Pigaud & Maffei, os "close-ups" de marido e mulher fazem com que nos tornemos íntimos do casal: é por intermédio desses "close-ups" que acreditamos em seu amor, que penetramos em seus sonhos, e, quando o rapaz pensa ter perdido o bilhete, que tomamos conhecimento de suas amarguras.

Sem dúvida, René Clair está presente na caracterização das personagens subsidiárias. Até aquelas que aparecem em poucas cenas possuem profundidade, e podem ser reconhecidas como seres humanos. A meu ver, nenhum diretor igualou Clair, até hoje, nesse aspecto, nessa capacidade de dar vida e colorido aos transeuntes mais apressados. Becker, no entanto, supera Sturges e quase alcança o nível "científico" do professor: como já foi dito, Clair não faria melhor a sequência do casamento, onde cada tomada — a noiva ao piano, o noivo a apreciar as fotografias do casório, o pai pressuroso, os convidados apanhados quase de sopetão por uma câmera tão irreverente como respeitosa, é um verdadeiro tratado de caracterização cinematográfica, conseguindo surpreender cada tipo, economicamente, em atitudes esplêndidas de revelação; o mesmo pode ser dito de uma dezena de outros tipos que passem ligeiramente pela história, mas que deixam a sua marca na narrativa, e, acima de tudo, na ambientação — toda aquela gente de loja onde trabalha Claire Maffei, fregueses e empregados e a velha que vende bilhetes à porta; o homem que recebe Roger Pigaud na sede da loteria, e mesmo o abastado gorducho que lá embolsa o seu prêmio. Cada uma dessas personagens transitórias é um achado irônico, uma observação fina mas humana.

Desde "Mãos Vermelhas", sabemos que Jacques Becker era um excelente diretor de elenco. Em "Antônio e Antonieta", porém, com a aceleração do ritmo, e a necessidade de contar uma história aparentemente leve nos termos mais profundos possíveis, o cineasta prova ser mais do que isso: provavelmente, arrancaria grandes desempenhos de um elenco formado por John Payne, Maria Montez, Turhan Bey e Maureen O'Hara. Ainda assim, vale a pena reconhecer que o elenco é muito bom. Claire Maffei, uma heroína encantadora; Roger Pigaud, um herói convincente; e Noel Roquevert, um notável vilão. Mas só um diretor muito seguro tornaria crível aquela briga em que o sedutor acuado (antes, enriquecido) enfrenta e derrota o guapo rapaz, nós o conhecemos como uma espécie de estivador que, afinal, estava defendendo a honra da família — mas que o diretor teve o cuidado de apresentar como um trabalhador quase sedentário.

O melhor que se pode dizer de "Antônio e Antonieta" é que foi a melhor comédia apresentada no Rio de Janeiro no decorrer de 1949, figurando no mesmo plano de "Silêncio de Ouro", de René Clair. O que, indubitavelmente, já é dizer muito.

★

## A MENINA DOS MEUS OLHOS

**SORROWFUL JONES** — Produção e distribuição da Paramount (Hollywood), 1948/49. Produção de Robert L. Welch. Direção de Sidney Lanfield. Cenário de Melville Shavelson, Edmund Hartmann e Jack Rose, baseado no cenário de "Little Miss Marker" (Dada em Penhor), de William R. Lipman, Sam Hellman e Gladys Lehman. História original de Damon Runyon. Cinegrafia de Daniel L. Fapp. Efeitos cinemáticos especiais de Gordon Jennings e Farciot Edouart. Sonografia de Harold Lewis e John Cope. Direção artística de Hans Dreier e Albert Nozaki. Decorações de Sam Comer e Bertram Granger. Partitura musical de Robert Emmett Dolan. Canção "Having a Wonderful Wish", de Jay Livingston e Ray Evans. Coordenação de Arthur Schmidt. Lançado no Rio de Janeiro em dezembro de 1949.

Elenco: Bob Hope, Lucille Ball, Mary Jane Saunders, William Demarest, Bruce Cabot, Thomas Gomez, Tom Pedi, Paul Lees, Houseley Stevenson, Ben Welden, Emmett Vogan.

Damon Runyon, o maior cronista que já teve a Broadway, e cuja galeria de personagens façanhas estontearia o próprio Shakespeare, tem sido muito usado pelo cinema americano desde que Frank Capra o descobriu em 1933. Entre "Dama por um dia", daquele ano, e "A Menina dos Meus Olhos", de 1949, cerca de vinte filmes foram baseados em contos e cenários de Runyon. Desses, os mais interessantes foram "Dada em Penhor" (1934), "Um Simples Assassinato" (1938), em cujo cenário ele colaborou, e "A Rua (Cont. na pág. 31)



# MEU PRIMEIRO AMOR

Por DIANA LYNN

Pode parecer estranho aos meus fans de hoje, mas a verdade é que eu já fui muito tímida, quieta e acanhada. Era o tipo perfeito da menina que as pessoas de bom senso classificam como "estudiosa e ótima filha". Assim permaneci algum tempo até que um incidente ocorrido na "Sinfônica Juvenil de Los Angeles" veio modificar por completo o curso da minha vida, culminando com o meu ingresso no cinema.

Nessa época, eu atendia pelo nome angelical de Dolly Loehr. Era muito compenetrada, estudiosa, usava tranças e não pintava o rosto nem os lábios. Meus vestidos eram tão simples que não tinham feitiço, e quase todos eram de cor branca ou azul. Quando eu andava na rua, procurava manter o pescoço estirado, olhos voltados para a frente, a fim de não ver quem passava por mim, pois cada vez que fixava a vista em algum menino eu sentia as faces cobertas de rubor... É claro que as minhas atitudes, longe de atrair os pequeninos representantes do sexo forte, afastavam-nos cada vez mais...

Meus sofrimentos começaram de fato, porém, no dia em que notei que estava loucamente apaixonada por um moço que tocava violoncelo em nossa orquestra juvenil. Procurei dissimular esse meu grande afeto, mas em pouco quase todas as minhas amiguinhas estavam a par das tendências do meu coração e sabiam que o meu pensamento estava inteiramente voltado para a figura do ente amado...

O precoce musicista nunca havia falado comigo, e, nem sequer me dirigira um simples olhar. Sendo muito tímida para iniciar a ofensiva, o amor foi aumentando em silêncio, embora sem ser correspondido.

Por cúmulo do azar, fazia parte da orquestra uma linda garôta, de temperamento inteiramente diverso do meu. Ela usava cabelos soltos, rosto sempre bem pintado e vestidos elegantes, para não falar do seu desembaraço natural. Um dia, por intermédio de uma companheira de ônibus, vim a saber que a moça estava querendo tomar o "meu" violoncelista! O "flirt" passou a namoro e daí para o casamento foi um pulo, pulo este de consequências "trágicas" para a minha sensibilidade de menina educada à antiga.

A minha derrota amorosa felizmente serviu para abrir-me os olhos, permitindo-me descobrir a causa de tão lamentável fracasso. Como resultado, passei a imitar em tudo a minha feliz rival; cortei o cabelo à inglesa, adotei um penteado moderno, escolhi novos vestidos para os meus vestidos e, sempre que podia, cruzava as pernas de maneira a que os curiosos observassem o quanto eram elas bem feitas... Sem abandonar o padrão de moralidade a que eu estava presa por muitos anos de prudentes conselhos, resolvi empregar uma nova tática para enfrentar a concorrência... Durante muitos meses fiquei convencida de que o provérbio "quem espera, desespera" só devia ser aplicado aos casos de amor, e não aos outros problemas da existência. Comecei a fazer relações com diversos rapazes, alimentando a esperança de que algum deles me inspirasse uma simpatia capaz de apagar a lembrança do meu primeiro amor juvenil. Tal não se deu, porém, e só vim a encontrar lenitivo para o sofrimento precoce do meu coração quando fui convidada para fazer um "test" para o filme de Ginger Rogers, "A Incrível Suzana", tempos depois de haver tomado parte em "Sonhos de Música", produção que apresentou a Orquestra Juvenil, da qual eu fazia parte como pianista. A emoção causada pelo convite fez-me esquecer um pouco a minha derrota, e o resultado satisfatório da prova acabou de varrer da minha memória as tristes recordações do passado.

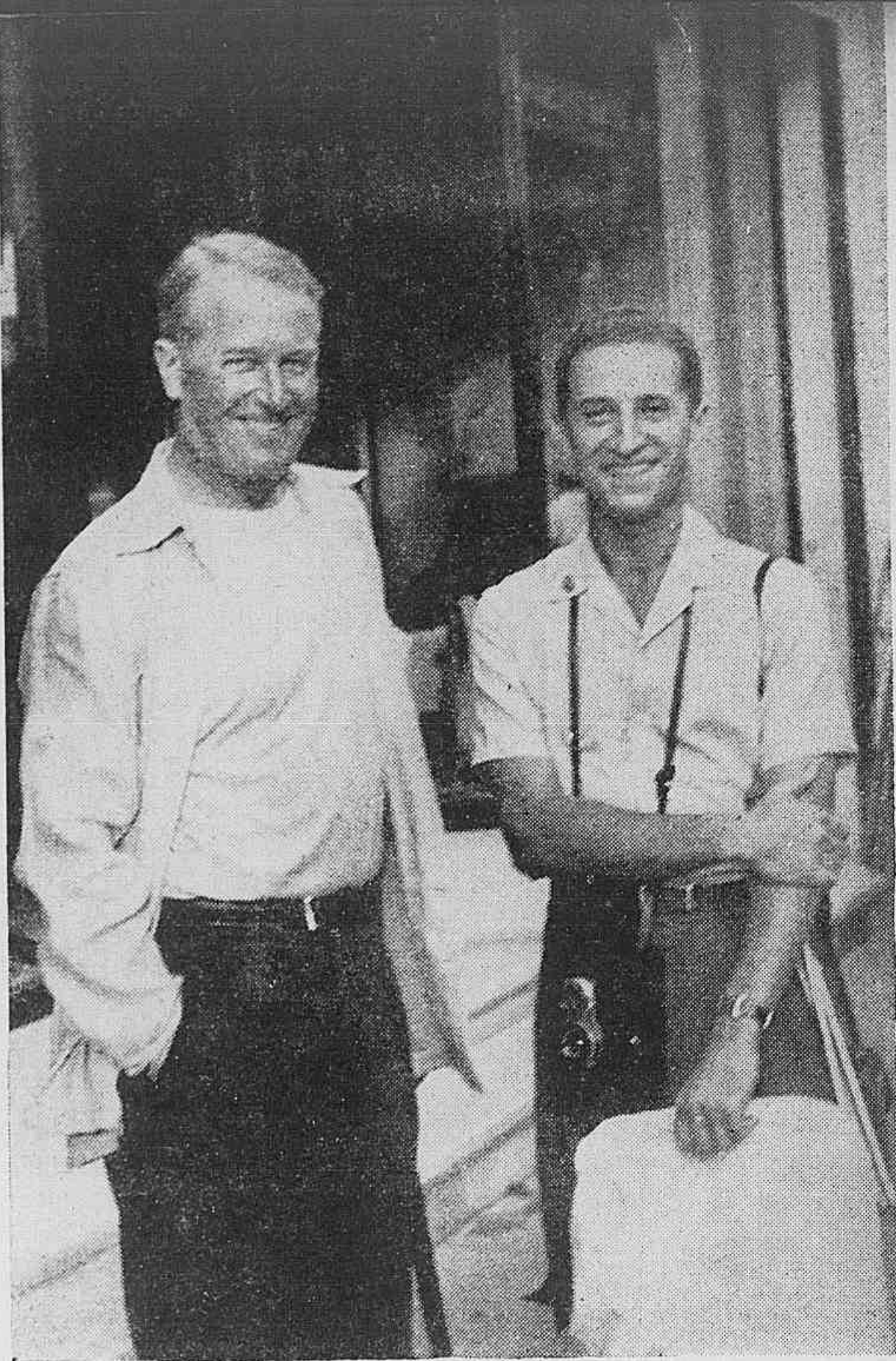
Meu modo de encarar a vida mudara por completo; verifiquei, com satisfação, haver atingido ao ponto onde sempre desejara chegar. A mudança foi tão radical que atingiu até o meu nome, que passou a ser Diana Lynn.

Penso que depois do que disse acima, o único conselho que posso dar às moças que estejam passando pelo que já passei, é que aprendam a observar. Se bem digam que "a experiência alheia não aproveita a ninguém", o certo é que é por meio dela que podemos corrigir nossos próprios erros, permitindo-nos traçar uma linha de conduta para atingir o ideal desejado.

E note-se que a pessoa que está descrevendo esses episódios é a esposa feliz do arquiteto John Lindsay, uma criatura que no filme "Amei até morrer", interpreta o papel de uma esposa frívola e egoísta, mas que na vida real — modéstia à parte — é uma exemplar dona de casa, apaixonadíssima pelo marido.



**Londres -** O diretor David Lean e sua esposa Ann Todd chegam à "avant-première" de gala da nova comédia de Geoffrey Bevan, "Point to Point", no St. Martin's Theatre



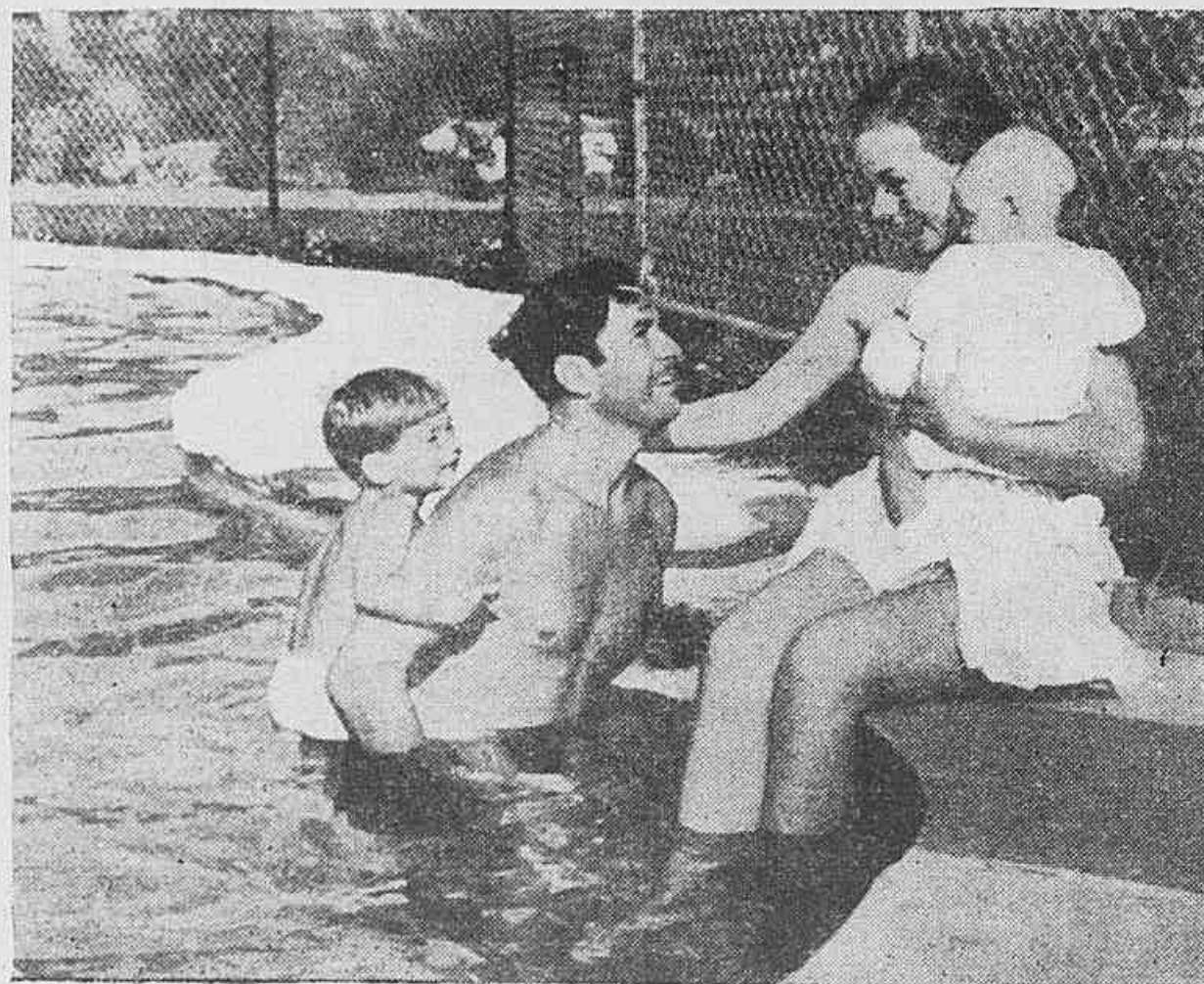
**Cannes -** Maurice Chevalier bate um papo com o repórter fotográfico Augusto Valentim, durante a realização do Festival Internacional do Filme, que ali se realiza todos os anos

# FLASHES

## MUNDIAIS



**Paris -** A consagrada soprano Martha Eggerth retorna à tela ao lado de Jan Kiepura, no filme "La Valse Brillante". Nesse filme, Marta canta um samba estilizado — "Chica-Chica Chou", de Roger Lucchesi



**California -** A graciosa atriz Jeanne Crain, diverte-se com seu esposo e seus dois filhos, na piscina de sua residência



# O TESOURO DOS EE.UU. E O CRIME

Desde os dias de "Scarface" e "The Big House" a tela apresentou coisa semelhante a "Whit Heat" (Fúria Sanguinária). — É uma película sobre gangsters e o Departamento Policial do Tesouro que se movimenta numa velocidade igual ao de uma bala e produz o mesmo efeito de um choque recebido pela pancada do projétil que obriga a platéia a se manter sem forças, presa em seus lugares.

A história é tão forte que exige que os espectadores tenham estômago muito resistente, tal a brutalidade, violência e o sangue-frio com que fazem as cenas mais emocionantes; podendo ocasionar mal estar nos presentes.

Produzido por Lou F. Edelman e sabiamente dirigido por Raoul Walsh, traz-nos de volta James Cagney num papel que lhe deu fama na tela, como gangster. Nessa produção ele desempenha o papel de um criminoso paranóico com uma idéia fixa, a mãe. — Do princípio ao fim, o filme é seu. Ele domina quase todas as cenas e diálogos com tal habilidade que todos afirmam ser esse o seu melhor trabalho.

Como "Cody Jarret", ele é visto como o mais desalmado chefe de um bando, que age sob a influência do cérebro doentio de sua mãe, que o quer colocar no topo do mundo. — Depois de vários crimes, inclusive assassinatos, ele se entrega por um crime pequeno que não cometeu e consegue um "álibi" e também uma sentença muito leve.

Escapa, engendrando outro grande "serviço" — mas é apanhado e morto quando um agente do Tesouro, fingindo ser um dos membros do grupo, denuncia o seu plano.

Virginia Mayo, divide o estrelato, como a esposa traidora, apresentando-nos um grande trabalho; enquanto Edmond O'Brien, como um agente do Tesouro que consegue ganhar a confiança de Cagney, convence o público de sua atuação.

As honras do estrelato vão também para o trabalho de Margaret Wycherly como a boa mas tresloucada mãe que tenta guiar seu filho no caminho do crime. Ela é morta quando tentava isso.

É durante as cenas em que está arquitetando o crime que a brutalidade de Cagney chega ao máximo.

Num momento, quando um convicto tenta fugir, e está fechado dentro da mala do carro, e, pede um pouco de ar, Cagney abre a referida mala com buracos de bala; noutra ocasião



CAGNEY  
Retorna como "gangster"

quando tentava escapar da armadilha da polícia ele usa dois de seus companheiros como escudos, e ambos morrem pelos tiros da polícia — finalmente seu trabalho como um maníaco em um dos momentos de desespero, faz friamente o sangue escorrer pelos corredores e salas da prisão, enquanto seus gritos lancinantes que partem da tela, arrepiam toda a platéia.

★

"Fúria Sanguinária" foi adaptado para a tela de uma história de Virginia Kellog, a qual demonstra o adiantamento da ciência nos métodos policiais.

## IMPORTANTE CONGRESSO DE CINEASTAS POLONESES

VARSÓVIA — No balneário polonês de Wisla realizou-se recentemente sob os auspícios do Ministério de Cultura e Belas Artes e da Empresa "Film Polski" um importante congresso, em que tomaram parte cineastas, músicos, artistas plásticos e críticos. A reunião, presidida pelo vice-ministro de Cultura e Belas Artes Sokorski, serviu para levantar um balanço das realizações da cinematografia polonesa no pós-guerra e delinear as diretrizes ideológicas para a nova criação fílmica.

As grandes transformações da vida política e social colocam perante o cinema novas e importantes tarefas. Na presente produção polonesa os problemas atuais dessas transformações não ocupavam um lugar suficiente. Tendo alcançado um nível técnico apreciável, as fitas polonesas não apresentavam corretamente a realidade e não conseguiam transpor para a tela toda a dinâmica das transformações.

O Congresso durou quatro dias. Foram apresentados estudos básicos: 1 — sobre as realizações do cinema polonês no pós-guerra, os seus erros e o seu desvio dos postulados do realismo socialista; 2 — os cenários; 3 — a crítica cinematográfica. Uma ampla discussão teve lugar em seguida, com o propósito de esclarecer o caminho a seguir, para que o cinema polonês seja bem sucedido na transposição na tela da verdade sobre a vida atual, da verdade sobre os fenômenos atuais.

Os participantes do Congresso tiveram a oportunidade de apreciar cerca de 20 fitas especialmente escolhidas para ilustrar a discussão, entre as melhores produções inglesas, francesas, italianas e soviéticas. Foram também apresentados os últimos filmes de produção polonesa.

## UM NOVO FILME PORTUGUÊS EM PRODUÇÃO

Cantiga da Rua comédia da vida popular e burguesa de Lisboa, cuja ação gira à volta de um jovem que a incompreensão da família e um mal entendido levam a deixar a casa paterna, tornando-se depois de uma existência difícil e cheia de peripécias, e mercê dos seus dotes invulgares, num cantor de grande mérito e de vulgar popularidade, está a terminar, animada pelas canções e pelos fados de Alberto Ribeiro e de Deolinda Rodrigues, e pela graça dum valioso elenco cômico em que figuram Manuel Santos Carvalho, "Costinha" e Alvaro Pereira.

Henrique Campos, realizador, com o operador-chefe Aquilino Mendes, ativam os trabalhos, a fim da produção ser ainda apresentada este ano.

Em dois estúdios, o da Tóbis Portuguesa e o da Lisboa Filme, e sob a direção do pintor Manuel Lima, mestre na complexa arte da decoração cinematográfica, têm sido simultaneamente construídos os cenários do filme, que vão

(Cont. na pág. 30)

*Passou a dor?*  
- um SORRISO -



*graças a*

# CAFIASPIRINA

O REMÉDIO DE CONFIANÇA



## DEPRESSÃO NOS "SETS" ARGENTINOS

Buenos Aires está passando, nestes momentos, por uma crise profunda de trabalho, no que se refere à indústria cinematográfica. A capital argentina carece de celulóide. Ainda em volta das empresas cinematográficas, uma bolsa negra que possui grande quantidade de material intacto, bolsa essa que absorveu grande parte do celulóide ao tempo em que as quotas de importação e outros meios de obtenção estavam mais ou menos abertos a quem se atrevesse a arriscar. Diga-se de passagem que há muitas pessoas sem um vínculo sequer que os ligue à indústria cinematográfica, que estão se aproveitando destes momentos de carestia e inflação. Porém, além da produção, é o material humano do cinema que preocupa a sua indústria seriamente. O decréscimo dos planos de cinema tem determinado a depressão, obrigando os astros e estrelas a desertarem, inclusive encenadores teatrais, emissoras radiofônicas, mesmo cantores das boites de mais luxo emigram para países estrangeiros em busca de maiores oportunidades artísticas e comerciais. São muitos os que partiram rumo ao Chile, México, Venezuela, Estados Unidos, Espanha, Brasil e Uruguai; e isso porque nesses países, embora muitos não recebessem grandes ofertas, resolveriam, ao menos momentaneamente, a sua situação financeira. E a verdade é que, apesar da crise que atravessa o cinema argentino, o otimismo desapareceu totalmente. Os astros e estrelas do cinema estão desocupados, mas existem — e a sua cotação se mantém firme. Se algum produtor lhe oferece trabalho, eles hesitarão em pedir um preço superior ao seu último filme. Todos têm recursos para suportar com dignidade esta crise de desocupação, pois todos sabem que é momentânea. As películas argentinas dão melhores entradas de bilheteria do que nunca, ainda que a qualidade técnica e artística deixe muito a desejar. O público faz longas filas para ver os filmes — mas os estúdios não podem filmar pela carestia de celulóide virgem. Fazem muitos meses que não entra sequer um metro de celulóide virgem em Buenos Aires, e as reservas se esgotaram. Entretanto, a "bolsa negra" continua explorando os produtores mais necessitados, em virtude dos compromissos assumidos com antecedência.



RICARDO  
MONTALBAN



# AMÁLIA RODRIGUES, A DEUSA DO FADO

Depois de 5 anos de ausência, volta ao Rio a intérprete de Eugênia Câmara ★ Filmará a nova versão de "A Severa" ★ Quinze mil cruzeiros por noite ★ "Ganho muito mais no meu país do que nas "tournées" que faço" ★ Êxito em Paris, Londres e Madrid ★ "Aquarela do Brasil", a composição nacional que mais lhe agrada

Reportagem de ALBERTO CONRADO

É possível que o fundo hereditário da Lisboa tenha decaído mercê da evolução dos nossos dias, tanto dos costumes como da fisionomia da cidade. Mas, contudo, os lugares românticos da "Princesa do Tejo" têm-se mantido inalteráveis num maravilhoso ambiente de recordação, envolvido do mesmo mistério de séculos atrás, banhados pelo sol ou pela lua, e favorecido pelos seus cenários de rara beleza, onde a nostalgia encontra lugar propício aos devaneios espirituais, inculcando nas almas a evocação das horas que nos foram gratas. Lisboa assemelha-se a

uma vila romântica e encantadora. A cada passo encontramos em suas ruas lembranças daquele romantismo que tão grandemente marcou a sua vida no século passado. Percorrendo as ruas sinuosas e estreitas, tão estreitas que abrindo os braços tocamos nas extremidades das paredes, desfilando ante nossos olhos, como num quadro de galeria, páginas da história e da boémia "alfacinha", chegamos a Mouraria e depois Alfama, os templos do fado.

O sentimento fatalista do lisboeta nasceu num desses becos, onde se dedilhou a guitarra. A

amargura do destino veio, então, rimado em sextilhas no garganteado dum peito tísico e da unha suja da faia de melena, nos olhos harpejando as cordas desse banza já histórico, por ter ido a Alcaçer Kibir embalar o sonho de um monarca.

E foi num recôndito lugar de Alcântara, que nasceu Amália Rodrigues, a Deusa do Fado. Mal despertara da puberdade era já um tipo de rara beleza. Os moços do local andavam com os olhos fixos em Amália. Realmente, a

(Cont. na pág. 26)



Quando lhe perguntamos qual a sua impressão sobre o filme "Vendaval Maravilhoso", Amália limitou-se a responder — "Prefiro não falar nisso".

# Cinema Brasileiro

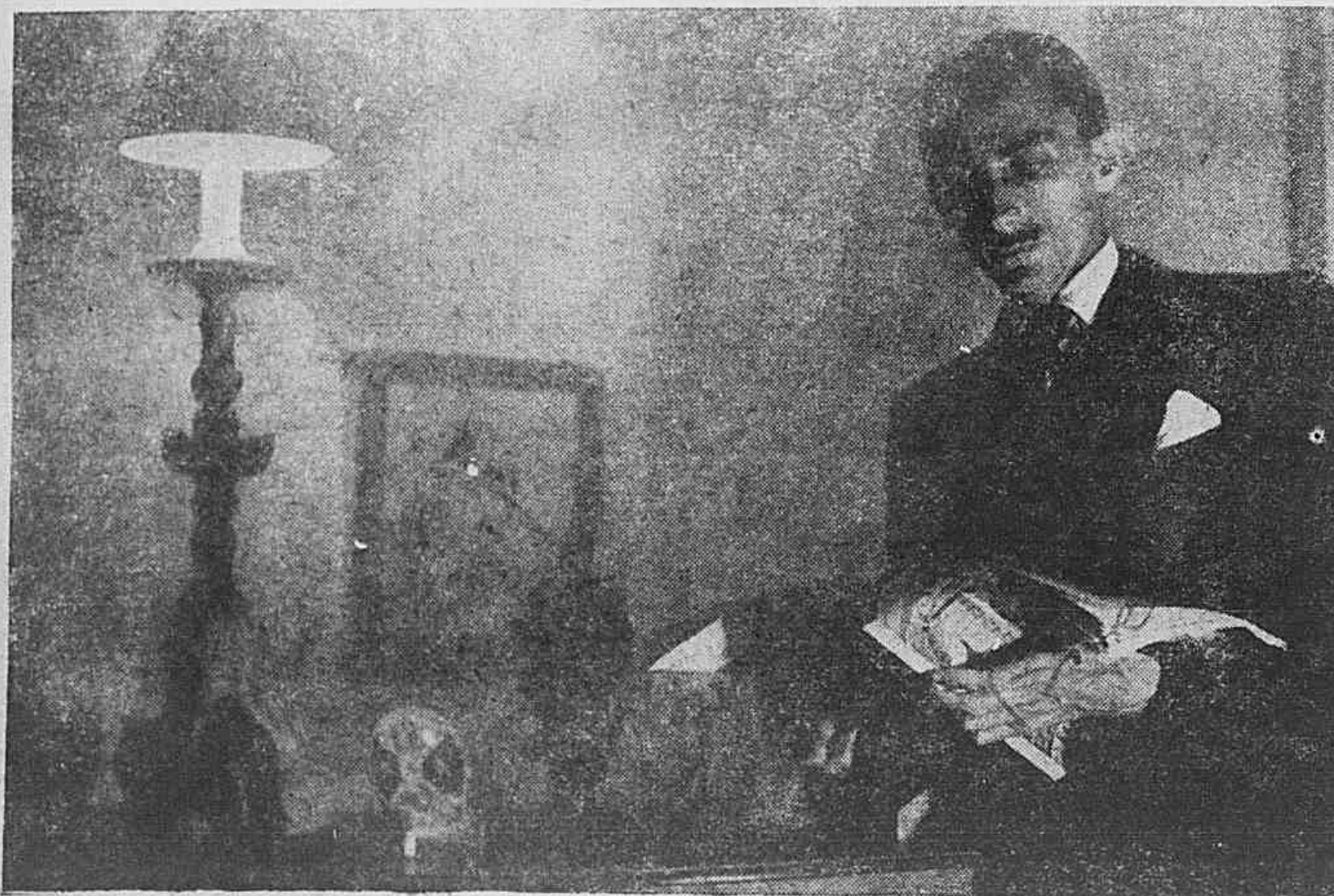
De JONALD

## “CAMINHOS DO SUL”

Apesar dos defeitos há certas qualidades bem distintas em “Caminhos do Sul”. Começa que, apesar de várias intempéries, deve ser considerado o melhor celulóide brasileiro estreado em 1949. A principal qualidade de “Caminhos do Sul” é que há sentido de composição plástica. Circunstância bastante rara em nosso cinema, está presente de maneira iniludível no celulóide da Capital Filmes. Há sempre bom gosto na escolha da angulação e, o mais importante, a estética não está restrita a determinados instantes. De maneira geral, acompanha o seguimento da película. Continuando nos méritos do filme encontramos o intento pictórico. Sim, estão fixados belos panoramas dos legendários pampas gaúchos. Alguma coisa que merece divulgação porque é eminentemente brasileiro. Outra circunstância elogiável é que foram retratados diversos costumes típicos do sul do país. Embora caibam restrições — a apresentação do “can-can”, por exemplo — de forma geral foram captados diversos hábitos das populações gaúchas. Há, portanto, um sopro de brasilidade agitando a indole interior de cada um de nós. Ainda no setor recomendável do filme temos a fotografia de Hélio Barroso Neto. Foi a melhor apresentada no panorama do cinema brasileiro, quer durante o desenrolar de 1949, quer referente a outros anos. Consequentemente, antes de passarmos aos defeitos é lícita uma homenagem ao esforço honesto de uma novel produtora, refletindo a capacidade do supervisor, o Conde Andrea de Roubillant, e do responsável geral: Fernando de Barros.

As restrições a “Caminhos do Sul” começam pelo roteiro. Neste campo não foram felizes os que acabamos justamente de louvar: Roubillant e Barros. Os caracteres não foram suficientemente desenvolvidos. A continuidade da ação não é harmoniosa. Há transições bruscas na passagem dos fatos e assim por diante. A direção poderia naturalmente corrigir os senões da base mas nem sempre foi possível. Com toda a sua beleza pictórico-plástica o desenvolvimento não irradia a indispensável emoção. Tampouco dos atores foi obtida a capacidade realística de transmitir sentimentos. Ainda assim, com todos os seus erros, “Caminhos do sul” satisfaz mais do que os outros celulóides brasileiros da temporada de 1949. Quanto aos atores, os melhores foram Orlando Villar e Roberto Acácio, seguidos por Jackson de Souza. Conquanto bem melhor do que em “Inocência” Maria Della Costa ainda está desambientada com o cinema. Tonia Carrero, um pouco melhor do que a sua companheira, não chega a impressionar. Tampouco conseguem os demais participantes de maneira geral manobrados sem maior oportunidade como Sady Cabral, Eduardo Inda, Marlene e outros apáticos, sem maleabilidade como Luiza Barreto Leite, Cláudio Nonelli e Ivan Lessa.

Enfim, “Caminhos do Sul”, demonstra mais qualidades do que defeitos. Merece o apoio de todos não apenas porque mostra algo bem brasileiro — o bravo e lindo rincão gaúcho — mas por seus reais méritos.



## TOMADAS E PANORAMAS

**CIDADE DO CINEMA** — Sob a influência do poderio do fabuloso capital das Indústrias Matarazzo, tudo leva a crer que surja desta vez uma cidade do cinema no Brasil. A Vera Cruz, a entidade já constituída em São Paulo, com direção técnica de Alberto Cavalcanti, já iniciou os trabalhos preliminares da construção de grandes estúdios. Foi escolhida a cidade de São Bernardo do Campo. Quanto ao argumento da primeira película, “Caicara”, é de autoria de Adolfo Celli. A cenografia será de Ruggero Jacobbi e construções de Aldo Calvo. A direção será do próprio Cavalcanti.

**A SOMBRA DA OUTRA** — Conforme já divulgamos, o conhecido romance de Gastão Cruls “Elsa e Helena” foi transposto ao cinema através da Atlântida. Agora, fomos seguramente informados de que o mesmo título de “A sombra da outra” já havia sido registrado pela Pel-Mex do Brasil para um celulóide mexicano inédito entre nós. A propaganda do estúdio brasileiro continua anunciando a película com o mesmo título já divulgado, o mesmo ocorrendo com a agência azteca. De que maneira será apresentado entre nós “Elsa e Helena”?

**ASPECTOS DO XINGU** — Muito se tem falado na imprensa paulista de um documentário de longa metragem, exibido apenas no Museu de Arte Moderna e no Clube de Cinema. Vejamos alguns comentários de Lil Fleury, na “Gazeta de São Paulo”, a respeito da película que tantos comentários favoráveis tem suscitado.

“... e que um filme como “Aspectos do Alto Xingu” não fique sendo privilégio de um pequeno número de pessoas, mas difundido entre o grande público que tem maior necessidade de conhecimentos das obras de divulgação sobre a vida indígena da nossa terra, mas obras verdadeiramente reais e sinceras como esse filme. Manuel Rodrigues demonstra-nos no seu livro, nos seus escritos e no seu filme, aquela compreensão, aquêlê otimismo, que no geral o brasileiro não sente, diante das deficiências das nossas coisas. E’ com essa compreensão e honestidade que êle se norteia, para poder conseguir o que tem feito. Na confecção do filme, êle contou com a boa vontade do pessoal da “Roncador Xingu”, com quem se juntou, antes de chegar ao Rio Caluene. Lá, às margens do bellissimo rio, integrou-se na vida dos Camaiurá, e dessa forma pôde filmar, em toda a sua essência, a vida caseira, desportiva e agrícola dessa numerosa tribo”.

**O PRIMEIRO DESENHO BRASILEIRO** — Escrito por Joaquim Ribeiro, consagrado folclorista brasileiro, o argumento de “Sinfonia Amazônica” focaliza a lendária Amazônia, com o seu cortejo de mitos, de bichos estranhos e de plantas fantasmagóricas. Os personagens, são as figuras que vivem na crença da gente



simples que habita o sertão da Amazônia, como o Curupira, demônio que revoluciona toda a floresta, o Japu, pássaro encantado, o Bôto, a Iara, o Caapora, o Curumi, e muitos outros heróis dos mitos amazonenses. "Sinfonia Amazônica", como se depreende de seus propósitos, é uma produção de interesse cultural, além de seu valor cívico. E' um retrato da beleza de nossas tradições mais expressivas. Sua apresentação em nossas telas, está marcada para 1950.

"CARAÇA" — Realizado no imponente colégio do Caraça, onde o isolamento do resto do mundo e a quietude soturna do lugar cercado de montanhas de todos os lados, criam uma atmosfera essencialmente cinematográfica, a primeira película da Orbis Filmes tem atributos

para ser considerada algo diferente. A novel produtora não poupou esforços no sentido de dotar o filme de um nível técnico apreciável. Uma história simples e humana foi elaborada com cuidado, sendo baseada em acontecimentos verificados no colégio. "Caraça" foi filmado com certo realismo, tornando-se um semi-documentário que apresentará aspectos curiosíssimos da vida de um seminário. Os técnicos estrangeiros contratados para o som (Lesgard e Lenhart, premiados no festival de Cannes por seus trabalhos em "A Batalha dos trilhos"), para a fotografia e a direção (Theodor Lutz, responsável por mais de quarenta filmes rodados na Europa) são de capacidade técnica. O elenco foi escolhido entre os professores e os seminaristas. Foram selecionados dois meninos, considerados pelos que já viram o filme, duas autênticas re-

velações: Antônio Menezes e Fernando Goa. No entanto, todos os alunos participaram do filme na sua parte documental, inclusive os professores — padres na sua totalidade — que viveram suas próprias vidas. Entre eles, podemos destacar o padre Sarnell, impressionante tipo humano e o padre Duprat, que interpreta o Padre Superior. Na parte de ficção, foi organizado um concurso, do qual participaram mais de quinhentos candidatos, saindo vencedores Gilson de Paula, que faz o papel principal do filme e um insinuante tipo de cinema: Wanda Nerina. Esse tipo foi bem desenhado e a interpretação de Wanda Nerina acentuou as grandes possibilidades do papel. Por todos esses fatores, "Caraça", o primeiro filme de longa metragem da Orbis Filmes está sendo aguardado com justificada curiosidade.



# Futuras estreias

## DUO DE CAROL REED

Nunca esteve Carol Reed tão em evidência como agora. Na verdade, seu sucesso atual quase não tem paralelo em toda a história do cinema. Num mesmo ano, dois filmes seus vêm sendo recebidos em toda parte como verdadeiras obras primas — e, o que talvez seja mais importante para o futuro de sua carreira, vêm ao mesmo tempo enchendo os cinemas da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Começando a dirigir em 1936, Reed só veio a chamar a atenção dos melhores críticos internacionais com o seu décimo filme, *Sob a Luz das Estrelas* (*The Stars Look Down*), baseado num romance de Cronin (1939). Uma realização sóbria e eficiente, que lembrava o clima de *Tragédia na Mina* (*Kameradschaft*), de Pabst. *Sob a Luz das Estrelas*, entretanto, não marcou o início da grande época do diretor — que só em 1946, com *Condenado* (*Old Man Out*), passou a formar entre os maiores cineastas de todo o mundo. Entre um e outro filme, ele dirigiu um drama de suspense à Hitchcock, *Gestapo* (*Ninth Train*), colaborou na coordenação de um importante documentário sobre a guerra, *The True Glory*, e realizou quatro outras películas menos importantes.

Agora, com o lançamento de *The Fallen Idol* e *The Third Man*, que estão esgotando os adjetivos elogiosos dos críticos ingleses e americanos, Carol Reed entra numa fase que parece prenunciar uma das carreiras mais proveitosas do cinema.

*The Fallen Idol*, com cenário de Graham Greene, tem Ralph Richardson, Michèle Morgan e o garoto Bobby Henrey nos papéis principais. A história é contada do ponto de vista do garoto, filho do embaixador francês em Londres, que idolatra o mordomo da embaixada (Richardson), por sua vez apaixonado por uma dactilógrafa (Morgan). "Com esse triângulo emocional", comenta o crítico de *Time*, "o autor Green construiu uma narrativa inteligente, cheia de suspense. Adotando o recurso de Henry James, de usar os olhos de uma criança como pontos de observação das paixões adultas, Greene centralizou a história no pequeno Felipe. O diretor Reed colaborou brilhantemente com o seu significado. Quando Mrs. Baines (a mulher do mordomo) morre numa queda acidental, Felipe fica certo de que Baines a matou; suas mentiras para proteger o amigo quase provocam o fim de Baines. Ironicamente, ele é salvo por uma prova que somente Felipe sabe ser sem valor".

Depois de elogiar os desempenhos de Richardson & Morgan, o crítico de *Time*, passa ao aspecto mais importante da película: "Para estabelecer o ponto de vista infantil da história, Carol Reed soltou as suas câmeras no próprio mundo anão de Felipe, limitado pelas balaustradas da embaixada e as calças bem vincadas do mordomo. Para aumentar o efeito, a trilha sonora, como a atenção semi-focalizada de uma criança, às vezes apanha somente metade da conversa dos adultos. O resto perde-se em murmúrios entre-ouvidos. O diretor Reed também sai vitorioso de sua interpretação do Bobby Henrey físico. Excepcionalmente, um ator infantil do cinema atua com toda a espontaneidade desajeitada, inquietada, sonambúlica que as crianças normais têm quando não são apanhadas pelo brilho dos refletores ou os olhos de um adulto. O resultado é um drama sutil, absorvente, de comportamento infantil natural. Um brilhante tour de force como entretenimento, *The Fallen Idol* também poderia ser uma útil lição de como devolver à infância a criança de Hollywood".

Em *New Republic*, Robert Hatch diz que o filme é "um trabalho de elegante relojoaria. Tem estilo e gosto perfeito; seu elenco é admirável e a direção é impecável...". Fazendo algumas restrições ao filme, depois de inúmeros elogios, Hatch termina: "*The Fallen Idol* morre nos últimos dez minutos, e deixa o espectador, se é que ele esteve apreciando o filme com atenção, vagamente insatisfeito. Isso acontece pela velha razão de que o cenarista (neste caso, o próprio Greene) mexeu com o desfecho original sem justificar na narrativa as implicações de sua carpintaria. Green escreveu a sua história sagazmente, com uma porção de detalhes que levam a um clímax inexplicável. A conclusão verdadeiramente terrível foi agora removida, de forma a não sermos perturbados em nosso relaxamento, mas os pequenos detalhes e incidentes que a ela levam foram conservados. E, provavelmente devido a um acidente irônico, o título do filme dá ênfase precisamente ao que foi eliminado. Reed e Green teriam obtido melhor resultado com uma readaptação completa, ou deviam ter confiado em nós com o impacto original. Mas, seja como for, eles se saíram muito bem".

Sobre *The Third Man*, também com cenário de Graham Greene, e apresentando Orson Welles, Alida Valli, Joseph Cotten e Trevor Howard nos papéis principais, a melhor crítica que conhecemos é a de William Whitebait, de *The New Statesman & Nation*.

"Logo que os títulos iniciais aparecem", diz Whitebait, "*The Third Man* já está caminhando com vibrantes linhas horizontais e uma canção plangente de cítara. Que espécie de música é, se alegre ou triste, furiosa ou provocante, seria difícil dizer; mas, de baixo de seu encantamento, a câmera entra em atividade, olhando aqui e ali, e fazendo saltar surpresas em primeiro plano, enquanto tomamos conhecimento, com uma alegria ácida, da Viena do pós-guerra: a frente de um palácio, a polícia das quatro potências num jipe, mãos do mercado negro sobre uma valise, e assim por diante. Um cadáver flutua debaixo de uma ponte. E, nesse interim, (talvez uns 100 segundos), aquela cançãozinha, ou outra cançãozinha nascida da primeira, continua a ser ouvida, indefinidamente. Ao som de seu encanto, como ao som de uma velha balada que pode enriquecer a mais sangrenta tragédia, um trem chega e um homem desce, feliz como uma cotovia (dizem-nos) e sem dinheiro. A canção, que já é nossa, serve para apresentá-lo — pois, para o mundo, ele não tem, afinal de contas, uma aparência muito alegre. Seus passos levam-no a um cemitério onde a terra está sendo jogada sobre o seu melhor amigo, e aquela pulsação do sangue, enquanto ele olha de um rosto para outro, já decresceu até tornar-se um pequeno murmúrio. Mas voltará. Acompanhar-nos-a através de toda a aventura. Em certos momentos, os acordes terão um horror plangente. O citarista invisível (cujo nome é Anton Karas) emprega o seu instrumento quase como um bardo homérico empregava a sua lira.

"Duvido que qualquer outro filme tenha começado com tais recursos e ousadia tão despreocupados; e o princípio quase realiza a sua promessa (seria uma brilhante obra-prima se o fizesse totalmente). As improvisações de Karas, as personagens e o diálogo de Graham Greene, e a mestria de Carol Reed em sua narrativa, em seu tratamento do elenco e dos fundos, formam uma combinação de gênio e fornecem tensões que elevam este filme muito acima de sua classe, de thriller. Eis aqui aquele manejo orquestral de imagem, fala e música que se tem esperado, tantas vezes em vão, desde a sua primeira aparição em *Sous les Toits de Paris*. A feliz convergência estonteia-nos outra e outra vez em *The Third Man*. Por vezes, são os três que nos levam, por caminhos diferentes, ao mesmo ponto; às vezes, um só nos leva — o esplendor arquitetural da tomada, ou a invenção de Graham Greene de uma criança com cara de salsicha capengando em perseguição a uma vítima da multidão; às vezes, dois juntos (acordes de cítara e a longa espiada do perigo na ponte deserta) conseguem o resultado de modo inigualável. (...) O pior que poderia ser dito de *The Third Man* é que, em seu momento mais fraco, é um thriller que emociona enormemente" — A. V.

DE LONDRES

## O NATAL DAS ESTRELAS

Por JOHN BAKER

(Copyright do B.N.S. especial para A CENA)

LONDRES — Como a maioria das estrelas britânicas, Margaret Lockwood considera o Natal uma festa consagrada às crianças. Geralmente passa aquele dia em casa com sua filha, Margaret Julia. O Natal de 1949, contudo, foi diferente, pois que Margaret alegrou muitas crianças, aparecendo no palco em "*Peter Pan*".

A encantadora peça de Sir James Barrie é representada todo ano na Grã Bretanha, entre as demais "pantomimas" preferidas do público infantil, e que se tornaram parte da tradição do Natal inglês. Ann Todd, Anna Neagle, Phyllis Calvert e Elsa Lanchester foram algumas das estrelas que precederam Margaret Lockwood na interpretação do papel de Peter, tendo Elsa por "partenaire" seu marido Charles Laughton no papel do Capitão Hook.

Ainda que seja esta a primeira vez que Margaret Lockwood aparece numa "pantomima" de Natal, há muito tempo nutria o desejo de fazê-lo. "Este meu desejo", disse ela, "deve datar da minha infância".

"Em 1929, era uma menina apaixonada pelo teatro, que tomava lições de dança em Norwood, um subúrbio de Londres. Naquele ano, o diretor recebeu um pedido para enviar algumas alunas para tomarem parte num "pantomime" apresentado pelo Teatro Scala. Fiz parte do grupo escolhido, e coube-me o papel de uma das fadas em "*Babes in the Wood*" (As crianças Perdidas no Bosque). Pouco depois, a menina que interpretava a pequena heroína adoeceu com sarampo, e fui escolhida para sua substituta durante os ensaios. Foram mesmo feitos todos os preparativos para que interpretasse o papel na noite da representação. Fiquei emocionadíssima ao ser fotografada e vendo meu nome no programa pela primeira vez. Como era menor, tive de submeter-me ao exame médico do Conselho Distrital de Londres, a fim de constatar se minhas condições físicas aguentariam o trabalho no palco. Enfim, tudo estava pronto para meu "debut" teatral.

Foi nesse momento que caiu o golpe... Poucas horas antes de iniciar-se a representação, a menina que estivera doente voltou completamente curada. Tive que ceder-lhe o lugar, apesar de todos os esforços dos meus pais, passei um Natal tristíssimo. Fiquei convencida que nunca poderia ser feliz outra vez, pois que havia perdido minha grande oportunidade".

Mas a oportunidade bateu à porta pela segunda vez. Margaret Lockwood voltará ao Teatro Scala, e desta vez, como intérprete principal.

Jimmy Hanlon, o conhecido astro, cujo filme mais recente foi "*Lâmpada Azul*" (*Blue Lamp*), história da força policial britânica, trabalhará numa "pantomime". Diz Jimmy que quando representa numa "pantomime", faz mais exercício durante aquele mês que durante um ano de trabalho cinematográfico. "E mais equimoses também, por ter de cair tantas vezes! Mas sinto-me plenamente compensado ouvindo as gargalhadas das crianças".

# CINE-AQUI

POR

Leonliachar

O ESPETÁCULO COMEÇA QUANDO VOCÊ ACABA

AUTÓGRAFO DO AUTOR  
Numa "pose" especial  
para esta seção

Amigos, confesso: quando conheci Ingrid Bergman, já estava exausto de amar. Sentia-me mesmo desanimado ante os imprevistos já previstos. Meu estado de espírito se contorcia dentro da minha própria dor, e, o que é pior, condoía-me com as mulheres que eu deixava, com o sofrimento que poderiam estar sentido ou com o remorso de terem me abandonado. Enfim, assim é a vida; assim é o amor...

Aos 18 anos, eu acreditava que só se ama uma vez na vida. Quando conheci aquela colegial ingênua, aqui no Rio, antes de empreender tôdas essas viagens através do mundo, eu me convencida, cada vez mais, que não poderia amar a mais ninguém. Mas bem cedo tive a primeira surpresa: a escola da existência me ensinara que "um amor se esquece com outro amor". E hoje, com 27 anos de idade, não faço outra coisa senão "esquecer" os meus amores...

Quando abandonei Cécile Aubry, em face de sua proposta absurda, procurei uma ilha onde pudesse descansar, por uns momentos, das emoções vividas — intensamente vividas. Embarquei num navio cargueiro que me despejou em Stromboli. Percorri toda a ilha em menos de meia hora. Conversei com alguns pescadores — sem que eu os entendesse e sem que eles me entendessem. Ao anoitecer, vi, casualmente, Ingrid Bergman sendo abraçada por um homem. O primeiro pensamento que me veio à cabeça foi Rosselini; o segundo, certificar-me de que não estava enganado. Dito e feito. Rosselini abraçava violentamente a linda sueca. Deixei escapar um pigarro cinematográfico e me aproximei enquanto os dois recuaram, espantosa. Ingrid adiantou-se, assim que apresentei minhas credenciais: "Pois, é... o sr. Rosselini estava me ensinando uns "novos passos" para a próxima cena de seu filme..." Fingi acreditar. Sorri. Ingrid também sorriu. E para não ficar atrás, Rosselini também sorriu. Se o leitor nos quiser acompanhar também pode sorrir...

Meia hora depois, um "jeep" nos deixou na porta de uma casa de pescadores, inteiramente remodelada, com todo o conforto relativo. Percebi que ambos estavam hospedados ali. O calor abrasador daquela daquela região, nos obrigava a andar sem camisa — com exceção de Ingrid, embora não lhe faltasse vontade. Mostraram-me a casa toda, com dois quartos: um para Ingrid e um para Rosselini. Sómente um estava desarrumado (?). Jantamos, ouvimos um pouco de rádio portátil e fomos dormir. Daquela dia em diante, sempre encontrei os dois quartos desarrumados. Quem dormia no outro era eu.

Passei naquele lugar cerca de um mês, acompanhando as filmagens dos dois. A medida que o filme terminava, o romance começava. Presenciei a chegada do marido de Ingrid, dr. Peter Lindstrom. Presenciei a sua partida, sozinho.

Num belo dia de sol, Ingrid descansava, pensativa, no topo de uma rocha, enquanto Rosselini, a uns 200 metros abaixo, dava as

últimas instruções aos técnicos.

Aproximei-me de mansinho e mantive uma palestra com a estrêla de cinco minutos. Se antes Ingrid me impressionara através de seus filmes, muito mais impressionado fiquei com a sua simplicidade, com o seu modo brando de falar, com a sua sinceridade. Ingrid não usa pintura, veste-se sobriamente, mas a sua personalidade, o seu "charme", talvez residam

nesse seu modo de ser. Os cinco minutos de nossa palestra prolongaram-se sem que percebêssemos. O sol se escondia, atrás do horizonte, e uma escuridão em câmera lenta cobria toda a ilha. Achei que o momento era propício para perguntar-lhe: "E se o sr. Rosselini nos pegar em flagrante?" Ingrid sorriu. Sem exagero, seu sorriso iluminou toda a ilha. E ela declarou-me então que nada tinha a ver com Rosselini, nada tinha a ver com seu marido. Só sentia que seus

filhos se vissem prejudicados com essa "onda" que os jornais fizeram a seu respeito. "E seu marido, o dr. Lindstrom?" — pensei em voz alta. "Não, não gosto mais dele... Há doze anos que vivemos juntos..." — pensou Ingrid, também, em voz alta. Nesse momento, ambos pensamos baixinho a mesma coisa e, instintivamente, nossos lábios se procuraram no meio da escuridão. Ingrid advertiu-me para que tomasse muito cuidado, pois Rosselini era muito ciumento e seria capaz de tudo — até de convidar-me para tomar parte no filme, numa cena de afogamento. As duas semanas posteriores que vivi em Stromboli, bastariam para fazer-me crer que o Paraíso realmente existe. Sim, onde quer que estivesse Ingrid Bergman, ali seria o Paraíso.

Bergie (assim passei a chamá-la) era um encanto de menina. E nunca pensei que ela beijasse tão bem, apesar de tê-la visto beijar Charles Boyer, Gregory Peck e Gary Grant — os "ases" do gênero. Decidimos, então, que assim que ela terminasse o filme com Rosselini, voltaríamos a Hollywood. Telefonamos ao seu marido, para que adiantasse o andamento do divórcio, e assim que chegássemos teríamos o caminho livre. Mas longe estávamos de imaginar que Rosselini tavia cortado os fios telefônicos e, que a minha conversa com o dr. Lindstrom não foi muito além de um monólogo. Ingrid estava apreensiva. Como sofria a pobrezinha. Ela trazia no íntimo um verdadeiro drama. Antes de eu chegar, ela mostrava-se indecisa entre seu marido e o "outro"; depois que cheguei ela entrou num novo dilema, sem saber se escolheria o "outro" ou o "super-outro" — eu, no caso. Tentei ajudá-la, mas preferi que ela decidisse por si, sem qualquer espécie de coação. Alguns repórteres, à semelhança de urubus, sobrevoaram a ilha à cata de notícias. Minha aventura chegara ao auge. Não podia suportar por mais tempo o sofrimento de Bergie; em pouco tempo os telégrafos anunciariam o seu "mais recente" romance. Temi pela sua reputação. Resolvi afastar-me. Naquela mesma hora do crepúsculo, vi Bergie pela última vez. Embora o seu olhar expressasse uma súplica para que eu ficasse, seus lábios falseavam o seu sentimento, dizendo: "Muito agradecida, Leonzinho. Nunca mais me esquecerei de você, de sua atitude nobre". Uma lancha me esperava na praia. Bergie murmurou-me algumas palavras no ouvido, que vocês não podem ouvir por causa do ronco do motor. Partí. A medida que a lancha se afastava, Bergie diminuía de tamanho. Acenei-lhe o lenço; ela me respondeu com um beijo. De bem longe, ainda pude ver um homem se aproximar dela e abraçá-la violentamente. Pelo jeito, me pareceu Rosselini. Seria filmagem? A dúvida é que mata...

## MINHA VIDA, MEUS AMORES



Enquanto eu telefonava ao seu marido, Ingrid mostrava-se apreensiva...

"CAP. 5

INGRID BERGMAN

# BALIXEZA



## CINE-ROMANCE

No local destinado ao estacionamento de carros, Steve e Anna conversavam em voz baixa e muito emocionados, pois combinavam como fariam para ficarem juntos o resto da vida. Steve dizia que ela deveria seguir para uma casa de campo e esperá-lo sem falar ou ver pessoa alguma antes de se encontrarem. Ele iria mais tarde buscá-la. Assim, apaixonados, despediram-se confiantes no seu plano.

No cabaré ao lado, Slim Dundee, marido de Anna, oferecia uma festa de despedida para seus amigos, pois seguiria com sua esposa para outra cidade no dia seguinte. Anna, ao regressar para junto de seu marido, mostrou-se mal humorada e recusou-se a dar explicações sobre onde estivera até aquele momento.

Quando Steve entrou no cabaré, foi advertido por Pete Ramirez de que não devia se meter na festa de Slim, para evitar briga. Steve disse que era um dos convidados e ato contínuo penetrou na sala em que se realizava a festa.

Todos se viraram para ele, com o olhar cheio de expectativa. Steve e Slim começaram uma discussão que se generalizou em briga corporal, tendo as mulheres saído da sala e Pete entrando, conseguiu serenar o ambiente.

Quando Pete saiu da sala, todos voltaram a se falar amigavelmente, pois a briga fôra simulada a fim de dar a entender que os dois eram inimigos, e, assim, poderiam levar avante o plano de um assalto sem que desconfiassem que tudo era de combinação prévia.

Quando Slim perguntou a Steve como faria para se ver livre dos companheiros da fábrica que seria assaltada, este garantiu que daria um jeito em tudo.

Durante todo este tempo, Anna olhava sem dizer uma só palavra.

No dia seguinte Steve foi à fábrica receber instruções para fazer o transporte do dinheiro. Com ele deveriam ir Pop Bailey e Jim Chester e a viagem seria até San Rafaelo.

Na hora da saída, Jim Chester foi chamado dizendo que pelo telefone haviam informado que a sua esposa não estava passando bem, razão porque ele não deveria seguir viagem.

Jim Chester era o homem que Slim não queria que fôsse no caminhão, e o telefonema havia sido arranjado para que tal sucedesse.

Steve guiava o caminhão quando ouviu Pop comentar que não acreditava muito no telefonema, pois achara tudo muito repentino. Era meio supersticioso, de modo que estava amolado com o desenrolar dos acontecimentos. Steve conversando, conseguiu convencê-lo de que nada havia, pois a esposa de Jim poderia ter se sentido mal de repente, e que eles dois haveriam de chegar são e salvos a San Rafaelo.

No caminho, enquanto dirigia, Steve come-





çou a pensar em Anna e ouvia distintamente as palavras que ela disse quando estavam juntos na noite anterior. E, pouco a pouco, foi recordando a sua vida passada, durante o tempo que ele e Anna andavam juntos.

★

Steve não havia dito em casa que voltaria, portanto quando chegou encontrou a casa vazia. Depois de deixar a pouca bagagem, rumou para a rua em busca de seu amigo Pete Ramirez. Lá chegando, porém, a esposa de Pete disse estar ele ausente, num serviço que havia arranjado, e no qual costumava trabalhar à noite, porém fôra escalado para o turno de dia. Sem rumo, Steve começou a rodar pela cidade, com o firme propósito de não se encontrar com Anna, e, quando menos esperava, lá estava ele em frente ao bar onde costumava encontrar-se com ela. Entrou e pediu uma bebida. Depois de algum tempo, ouviu a voz de Pete que entrava alegre e bem disposto, dizendo que em casa, ao chegar, sua esposa o contara que Steve estava na cidade. E como imaginasse que ele deveria estar naquele bar, para lá se encaminhara, vendo que realmente não se enganara.

Steve disse não mais estar interessado naquela cidade, porém Pete, sério, disse saber que Steve estava à procura de Anna, pois, caso contrário, não teria se dirigido àquela bar, onde sempre os dois se encontravam.

Quando voltou à casa, naquela noite, Steve não aceitou nenhum dos convites feitos para sair com a família, pois estava nervoso e inquieto.

Quando todos saíram, ele resolveu ir ao bar, novamente, a título de curiosidade. Foi o bastante para encontrar-se com Anna, que, bonita como sempre, ficou surpresa de vê-lo novamente na cidade.

— Steve, perguntou ela, você veio hoje aqui somente com o intuito de me encontrar, não foi? Eu tenho tantas saudades do tempo que estivemos juntos. Há quanto tempo eu tenho sonhado com o nosso novo encontro, quantas saudades tenho... Quando você chegou?

— Não vim para te ver, eu apenas passei por aqui e lembrei-me de netrar. Cheguei a uma semana mais ou menos, não me lembro bem.

E assim, começaram a lembrar o tempo que haviam sido casados, e que sempre tudo era um motivo para brigas e discussões. Quando ela perguntou, afinal, se ele queria ir com ela a um passeio Steve concordou, embora sabendo que tudo acabaria em nova discussão.

No dia seguinte Steve voltou à fábrica onde havia trabalhado e depois de algumas formalidades, conseguiu reaver o seu emprego. Deveria começar desde o dia seguinte. Quando chegou em casa, o telefone estava tocando. Era Anna que pedia fôsse até a esquina que

ela precisava falar-lhe. Steve foi e, como sempre, Anna começou a falar em se casarem novamente, pois erraram em se divorciar. Que um fôra feito para o outro e que ela não poderia viver longe dele. Steve, porém, não estava de acôrdo e os dois se desavieram e ela se retirou com raiva dele. Antes que ela conseguisse ir longe, Steve a alcança e a convida para passarem o fim de semana juntos numa praia, ao que ela aceitou.

Naqueles dias, Steve estava mais satisfeito do que nunca. Ele e Anna quase não brigavam e ele estava se convencendo de que deviam se unir. Sua família era tóda contra aquela amizade, pois achavam Anna muito falsa e interesseira. Ela não era sincera e eles todos, inclusive a mãe de Steve, achava que não seria boa para Steve. Aborrecido, Steve deixa a casa, não sem antes beijar sua mãe como para fazer as pazes com ela, e dirigiu-se ao bar. Lá chegando não encontra Anna, e fica sabendo que ela havia se casado com Slim Dundee e que havia seguido viagem para Yuma, em lua de mel.

Durante o tempo em que ela esteve fora, Steve passa a pensar que ela não agira bem, que o iludira e que, no final das contas, sua mãe é quem tinha razão.

Quando Anna volta da lua de mel, Steve a vê, um dia, na estação. Tinha ido levar seu marido que ia viajar. Ela volta para o carro e encontra Steve. Afirma não poder falar com ele porque o chofer do carro havia ficado incumbido de levá-la em casa e se os visse juntos iria coitar a Slim.

Ela, porém, arranja uma ocasião para encontrar Steve e se queixa amargamente do tratamento que Slim lhe dispensa. Diz ser ele um bruto e que a maltrata muito.

E assim continuam a se ver durante tóda a ausência de Slim.

Uma ocasião em que discutiam o casamento dela com Slim, Anna confessa que se casara por causa da pressão que a família de Steve fizera, não querendo que eles dois se casassem. Inclusive Pete Ramirez, que intercedera a favor deles.

— Pete?! exclama Steve, mas o que foi que ele fez?

— Disse que eu me afastasse de você, senão ele iria tomar uma providência respeito...

— E por que você não me procuro... poderia ter dito tudo e eu daria um jeito...

— Você não sabe o quanto sua família me perseguiu. Eu já estava farta de tudo e resolvi casar-me com Slim, pensando que no fim tudo daria certo.

Desde aquela data, Pete foi considerado como inimigo por Steve.

★

A amizade de Steve e Anna ficou tão séria que não mais se preocupavam em salvar as

aparências. Todos os viam juntos e eles não se incomodavam.

Anna, vez por outra, dizia ter medo de Slim, que era capaz até de matá-los, pois era considerado um "gangster". Quando Steve menciona divórcio ela garante que ele não o daria, pois não tinha sentimento algum por ninguém.

Até que um dia Anna tem notícia de que o marido vinha de volta. Eles estavam conversando e combinando como iriam fazer, quando ouviram uma porta bater. Era Slim que chegava.

Steve, ao defrontar-se com ele, teve a idéia de dizer que estava ali pois queria propor um negócio. Era o assalto que surgia e que logo combinaram, pois era dos negócios de que Slim gostava de fazer.

★

E assim acontecera. Steve estava agora dirigindo o caminhão que deveria ser assaltado e quase já chegava a San Rafaelo.

De repente, o plano que tracara não estava sendo cumprido, e Steve estava ferido. Quando no hospital, ninguém veio vê-lo a não ser Pete Ramirez que conseguiu de Steve uma confissão do plano feito com Slim.

— Escute, Steve, dizia ele, Slim não está morto, se bem que está bastante ferido. Mas se Anna foi sincera e se realmente pretende ficar com você, tenha cuidado pois não duvido que Slim vá ao seu enalço para liquidar a ambos. Ele é bastante ruim para isso. Ele mandará alguém aqui mesmo no hospital para matar você.

E foi realmente o que aconteceu. Quando Steve saía do hospital quase foi morto por um dos homens de Slim. Conseguiu porém chegar à casa de campo onde Anna o esperava. Ela porém quando soube do que acontecera e que Steve não havia pôsto mão no dinheiro, que continuava pobre, arrumou o que tinha levado numa valise e foi-se embora sem nada dizer. O que realmente a interessava era o dinheiro, foi o que Steve ficou sabendo.

Quando Anna chegava à porta, esta se abre e surge a figura de Slim. Com o riso sarcástico que sempre usava nas ocasiões mais sérias de sua carreira de gangster, Slim ordenou a Steve:

— Vamos, abrace-a, você sempre a quis, agora ela é sua... ela também gostava mais de você... portanto nada tenho a interferir com o amor dos dois... vamos... cheguem-se bem perto um do outro... abracem-se...

Como Anna começasse a gritar e não mais parava, Slim atira e Ana cai morta aos pés de Steve, e quando este se vira para ela, Slim atira novamente e Steve cai também morto, cõbre o corpo de Anna.

Neste instante ouve-se a sirene da polícia que vinha ao enalço de Slim, que não mais pode fugir sendo assim apanhado por todos os crimes que já cometera.



Título original:

"CRISS CROSS"

ELENCO:

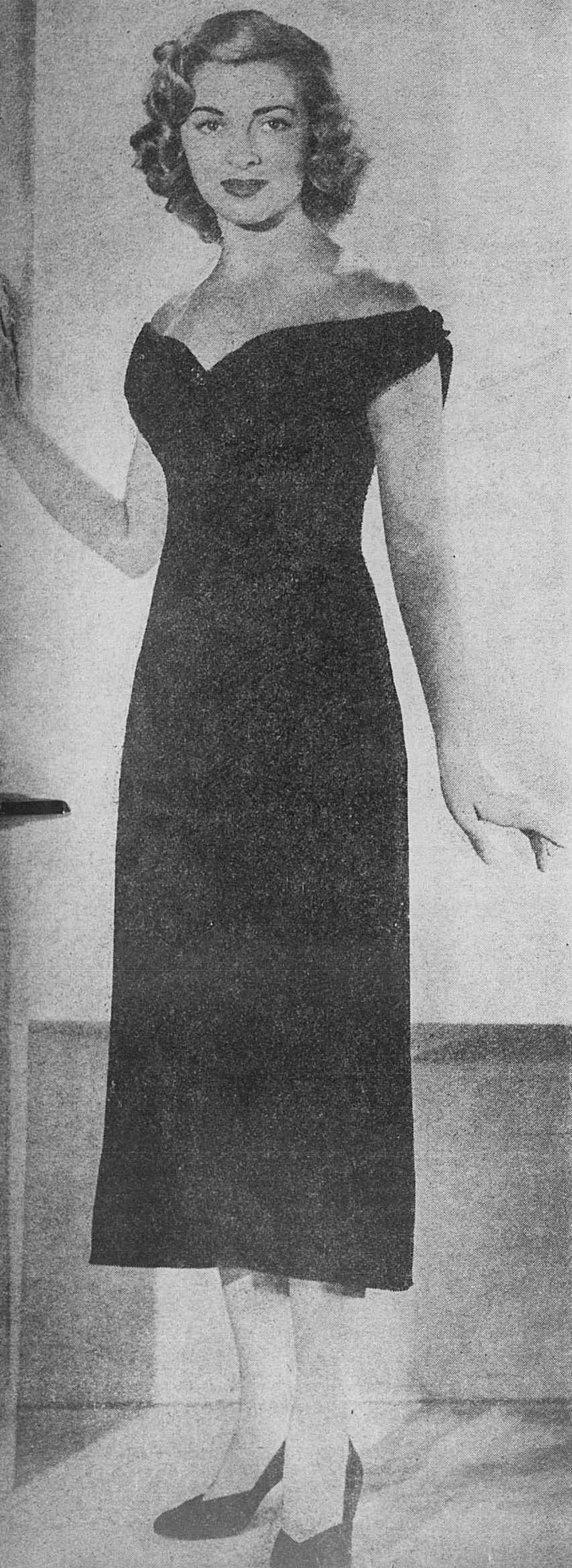
Steve Thompson BURT LANCASTER  
Anna ..... YVONNE DE CARLO  
Slim Dundee ... DAN DURYEA  
Pete Ramirez ... STEPHEN MCNALLY  
e outros

★

Produção de Michel Kraike  
Direção de Robert Siodmak

Distribuição da U-International

# 5 MODELOS



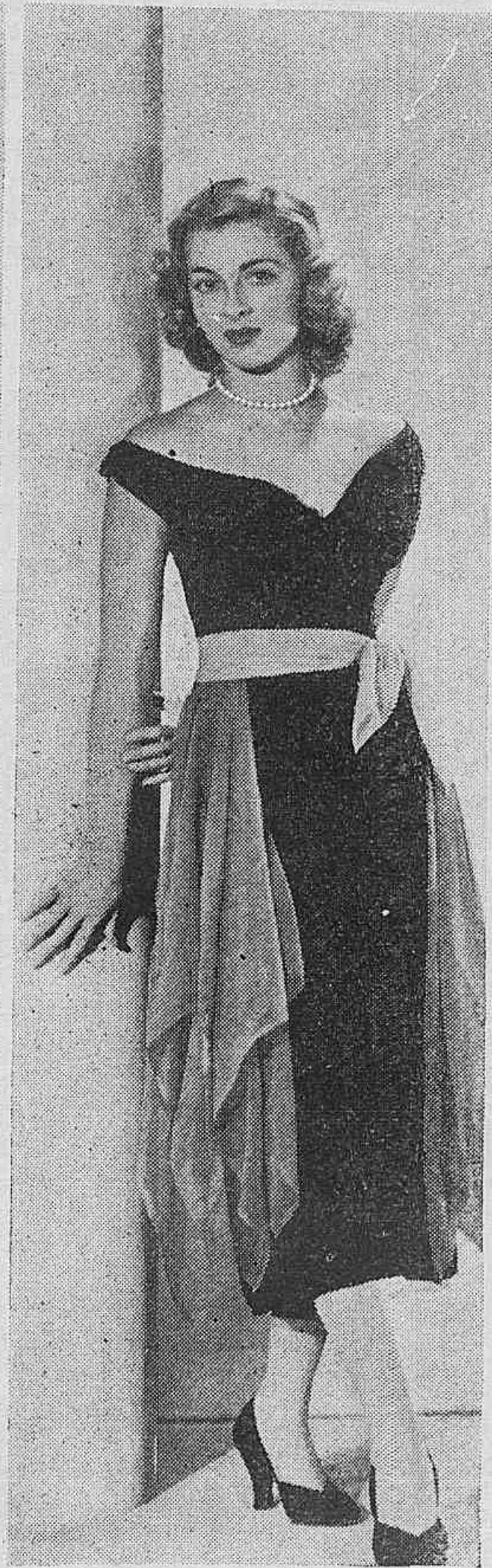
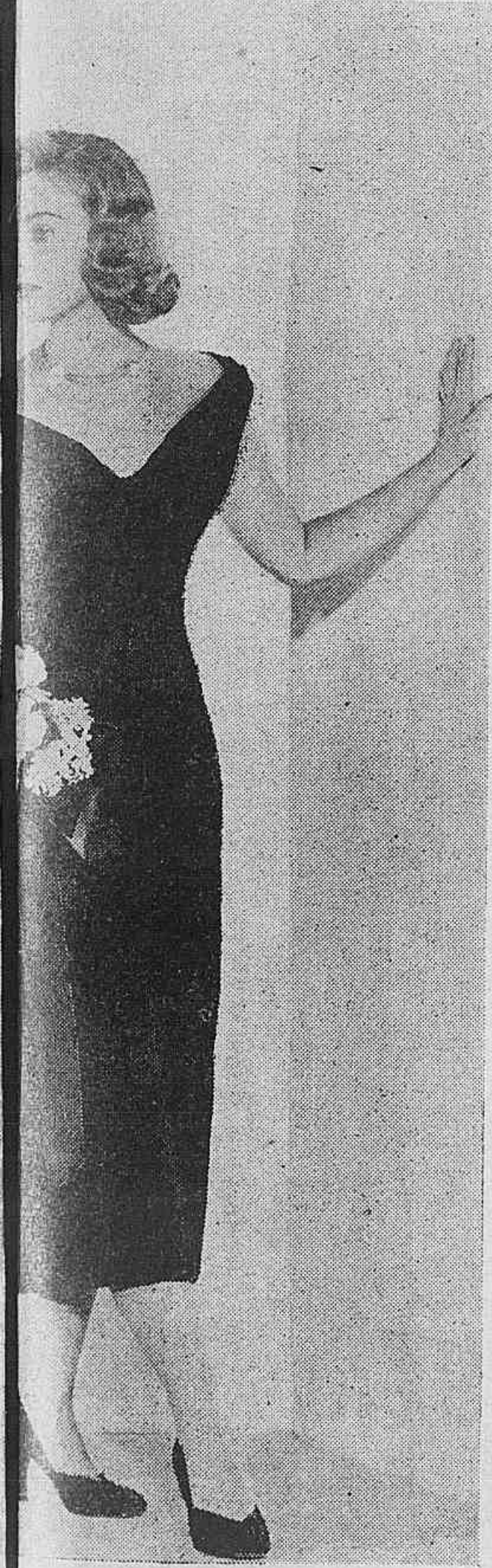
Para uma ocasião realmente festiva, será mais interessante usar essa écharpe de gaze bordada a lantejoulas, sôbre um dos lados, caindo às costas e à frente.

Sôbre o vestido singelo, apõe-se uma saia de chiffon negro, presa à cintura por uma fita de veludo preto. Bouquet de rosas em cor natural.

A móda, decerto, foi criada para ser prazerosa, e aliás tão justa e explicitamente, seguindo sem vacilações o ritmo da elegância... Mas, esse objetivo foi seguido pela maioria das filhas da moda, o prosaico motivo do custo de uma roupa — que tudo resolve esteticamente — resolveu dar ao clássico vestido negro, a roupagem feminina, uma aparência mais moderna, e sobre o seu aspecto básico, fazendo-o parecer mais atual. A idéia disso foi posta em prática na obra da RKO Radio Filmes, valendo-se do exemplo de Joan Crawford em *Notre-Dame de Paris*, ao lado de Robert Mitchum. E é

# NUM SO'

Um efeito muito em moda, é este que a foto acentua, combinando também, para esse fim, a cor de ouro com duas tonalidades vibrantes.



As flores sempre foram os mais queridos das moças. E, sobre este vestido negro, realçam as flores multicoloridas e o veludo cor de cereja!

Faixas (de cor ou, mesmo pretas) fazem sobressair qualquer modelo. No caso presente, duas faixas cor de púrpura e uma de chiffon lilás, dão um lindo conjunto.

Satisfazer essa ambição permanente das mulheres em variar de ascetáveis caminhos da formosura, nem sempre pode ser conseguido, por muitas razões, inclusive a atual. Eis porque Hollywood, a ficção e na realidade — recriam sempre tão necessário ao guardar-se versátil, transmudando à vontade um só modelo vários outros... O figurinista Michael Woulfe, a encantadora pessoa de Pat O'Brien em "Holiday Affair", deu o feliz resultado:

E o decote?... Ah! este também pode ser "renovado", e de modo absolutamente primaveril, colocando-se uma guirlanda de rosas, assim, com fingida displicência... E fiquem sabendo, meninas, que quaisquer flores servem para isso, sejam de cetim, de veludo, de brocado, etc., segundo avisa o idealizador desta novidade do momento, que surge com frequência em tantos figurinos...



## FRED MAC MURRAY

Em 30 de agosto de 1908, um concertista de violino em excursão artística ao passar por Knakakee, Illinois, converteu-se em orgulhoso pai de um garoto que mais tarde devia fazer seu nome famoso como saxofonista, para consagrar-se depois definitivamente como astro cinematográfico. Seu nome? Ora, está lá em cima...

Com pouco tempo de nascido, sua família foi residir em Beaver Dam, Wisconsin, de onde Fred se considera natural. Ali fez seus primeiros estudos. Graduou-se na escola secundária aos 16 anos, era o mais jovem da classe, distinguia-se como bom desportista e como bom ator devido a sua facilidade para representar facilidade esta que conserva até hoje.. Depois de crescido trabalhou em uma fábrica de alimentos em conserva e outros derivados até juntar dinheiro suficiente para comprar um saxofone que lhe permitisse seguir a carreira de músico, sua ambição.

Cursou os estudos superiores no Colégio Carrol de Waukersha, Wisconsin, abandonando-o para juntar-se a uma orquestra de jazz. Viajou para Chicago exibindo sua habilidade como saxofonista de orquestra em orquestra. Não ganhando o suficiente para viver viu-se forçado a ocupar-se de outras coisas. Foi agente vendedor de artigos de eletricidade e de um armazém.

Em 1928 chegou em companhia de sua mãe a Hollywood a fim de visitar alguns parentes. Inscreveu-se em uma agência de emprêgo para jovens aspirantes a atores, sendo colocado na lista de preferência. Poucos dias depois recebia um papel de extra para trabalhar em um filme de Sue Carrol e Dixie Lee, Por isto não foi que Fred Mc-Murray abandonou sua profissão como saxofonista. Continuou trabalhando nos estúdios durante o dia e à noite cantava e tocava saxofone com as melhores orquestras da localidade e em vários outros centros de recreio.

Estando com a orquestra do Teatro da Warner Brothers, o conjunto teatral "California Collegians" contratou-o como saxofonista, cantor e palhaço. Viajou com este grupo até Nova York, aparecendo nos cenários da Broadway em várias peças de êxito. Neste tempo usou o nome de Rex Beach, que pertencia ao ator que Fred McMurray substituiu no momento.

Quando se levou à cena a revista musical "Roberta", a Paramount contratou-o e Fred McMurray fez sua segunda entrada em Hollywood. Durante seis meses permaneceu quase esquecido, porém veio-lhe uma grande oportunidade quando foi designado para galã de Claudette Colbert em "O Lírio Dourado". Junto a esta estrêla tem aparecido em diversos filmes dentre os quais destacamos "O Ovo e Eu" e "Lua de Mel com... Pimenta" (Family Honeymoon), seu último trabalho para a Universal-International.

Atualmente está casado com a ex-atriz Lillian Lamont a quem conheceu durante os ensaios de "Roberta". Tem uma filhinha chamada Susan. Possui um rancho ao norte da Califórnia onde geralmente passa suas férias e vivem em Brentwood, bairro de Los Angeles, em uma casa de sua propriedade.

Fred McMurray mede 1,89 de altura e pesa 83 quilos. Seus olhos são azuis e o cabelo preto.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Quando, há nove anos, foi exibido "O Mistério de uma Mulher", filme estrelado por Ida Lupino e Louis Hayward, ambos então no apogeu da glória, ninguém poderia supor que dois artistas obscuros que nele apareciam viessem a tornarem-se os mais populares astros de nossos dias e um dos mais felizes "teams" românticos aparecidos em Hollywood. Referimo-nos a Evelyn Keyes e Glenn Ford.

Depois desse filme, em 1940, Glenn e Evelyn tornaram a aparecer juntos mais sete vezes, em sua vagarosa mas segura ascensão para a glória. Foram o casal de namorados de "Blondie Plays Cupid", pequena comédia estrelada por Penny Singleton. Tão bem aprovaram que a Columbia os encarregou dos principais papéis de "Aventuras de Martin Eden", baseado numa novela de Jack Lon-

Glenn Ford ao lado de Evelyn Keyes, numa cena dramática de "A vida é um Jogo", o filme que marcará o retôrno da dupla



## UMA DUPLA DE SUCESSO

Depois de uma longa separação, reúnem-se novamente Glenn Ford e Evelyn Keyes!

Evelyn Keyes, a favorita de Glenn... no cinema. Na vida real, Eleanor Powell é a sua favorita — apesar de casados

don. Este foi, realmente, o filme que deu a Evelyn Keyes e Glenn Ford uma grande popularidade, coicando-os entre os favoritos do público. Tanto que a Coluhbia os aproveitou logo a seguir para estrelarem "Sacrifício de Pai", onde também aparecia Pat O'Brien, e o turbilhonante "Império da Desordem", filmado em cores pela "Technicolor", com o varonil Randolph Scott em destacado papel.

Depois disso Evelyn separou-se de Glenn. Ambos viram, trabalhando em filmes diferentes, o favor dos fans crescer em tórno dos seus nomes. Evelyn Keyes atingiu o "climax" de sua carreira na famosa biografia de Al Jolson "Sonhos Dourados" e Glenn Ford, contracenando com Rita Hayworth em "Gilda", tornou-se definitivamente o favorito das multidões.

(Cont. na pág. 30)

# Melodias para você

## Música Brasileira

★

### TUDO É BRASIL

Vicente Paiva e Sá Roris

I

Venho dos confins de lá da serra  
Do sertão de minha terra  
Onde canta a Juriti.  
Trago em meu peito a seiva forte,  
Dos caboclos lá do Norte  
descendentes de Tupi.

II

Tudo é Brasil  
Aonde o céu tem mais luz e fulgor...  
Tudo é Brasil  
Aonde existem campinas em flor.  
Oh! meu Brasil  
Brasil que deu a mulata  
O samba e a serenata  
Terra que Deus criou,  
Tudo é Brasil  
Dos bandeirantes e dos garimpeiros.  
Oh! meu Brasil  
No mundo és o primeiro  
Um país como este não há,  
A natureza tudo nos dá,  
Sou brasileiro  
Oh! meu Brasil

★

### FIZ A CAMA NA VARANDA

Ovidio Chaves e Dilu Melo

Fiz a cama na varanda  
Me deitei pensando em ti!  
Deu o vento na roseira (ai meus cuidados)  
Que do sono me esqueci.

II

Menina, minha menina,  
Ai não faças assim como eu  
Que vivo morto de penas  
Porque ninguém me escolheu.

III

Fiz a cama na varanda  
Me esqueci do cobertor  
Deu o vento na roseira (ai meus cuidados)  
Me cobriu toda de flor.

IV

Lá detrás daquele morro  
Tem um pé de amor-perfeito  
Eu viço louca à procura (ai meus cui-  
[dados])  
De um pobre amor sem defeito.



**DINAH SHORE**  
A ternura é o seu segredo



**ABEL PEREIRA**  
Um dos nossos maiores expoentes do clarinete



**MAURICE CHEVALIER**  
"The Lip"

## Música Americana

### COMME CI COMME ÇA

Por Joan Whitney, Alex Kramer e  
Bruno Coquatrix

I always say, comme ci comme ça,  
And go my way, comme ci comme ça  
Since you are gone, nothing excites me;  
Since you are gone no one delights me.  
And I go on, comme ci comme ça,  
Midnight 'til dawn, comme ci comme ça  
But should we meet, that would excite me,  
And should you smile, that would  
[delight me,  
I'd live again to love again,  
But until then, comme ci comme ça.

★

### AND SO TO BED

Por Johnny Mercer e Robert  
Emmett Dolan

The moon descends and so to bed,  
The music ends and so to bed;  
Should old acquaintance linger in your  
[heart,  
Then don't forget we-re just a dream  
apart.  
Tomorrow night seems years away,  
But after all, it's just a day;  
And I'll remember every word you said,  
I love you so, an so to bed.

★

### YOU'RE MY EVERYTHING

Por Mort Dixon, Joe Young e Harry  
Warren

(Do filme do mesmo nome com  
Anne Baxter)

you're my ev'rything underneath the sun,  
You're my ev'rything rolled up into one.  
You're m only dream, my only real  
[reality;  
You're my idea of a perfect personality.  
You're my ev'rything, ev'rything I need;  
you're the song I sing and the book I  
[read.  
You're away beyond belief, and just to  
[make in brief,  
You're my winter, summer, spring,  
My ev'rything.

★

### I MAY BE WRONG

(But I think you're wonderful!)

Por Harry Ruskin e Henry Sullivan

(Do filme "You're my Everything")

I may be wrong, but I think you're  
[wonderful!  
I may be wrong; but, I think you-re swell!  
I like your style; say, I think it's mar-  
[velous;  
But I can't see so how can I tell?  
Deuces to me are all aces,  
Life to me just a bore;  
Faces are all open spaces  
You might be John Barrimore.  
You came along; say, I think you're  
[wonderful!  
I think you're grand; but I may be  
[wrong,

# Cabelos sedutores



*Wave-Comb*

**CONSERVA  
A ONDULAÇÃO  
PERMANENTE**

Wave-Comb é um pente maravilhoso. Deixa os cabelos fôfos, brilhantes e vaporosos, estimulando-lhes o viço e a resistência. Wave-Comb desembaraça os cabelos sem arrancá-los ou ferir a cabeça.

Pedidos à  
**IBERO-AMERICANO INDÚSTRIA E COMÉRCIO S. A.**

Praça da República, 64 - 10.º - Tel. 6-6541 - S. Paulo

\*

FILIAL: Rio de Janeiro - Av. Visconde de Inhaúma, 134 - 6.º - S/ 614 - Tel. 43-2159

# Coluna do fan

## A história de uma Rainha

Não foi nem uma nem duas, mas inúmeras vezes que as atrizes foram chamadas de rainhas. Peço, pois, licença para contar a história de uma dessas rainhas.

Era uma vez uma rainha, loira e muito bonita, mas parecia não ser boa nem feliz. Ninguém a conhecia bem. Sabiam apenas que ela, no seu trabalho era a mais perfeita. Diziam que seu coração era de gelo e, por isso tinha medo que o calor das multidões o derretesse. Diziam também que não amava porque a ardência de um grande amor podia devorar-lhe o coração. Mas, quantos corações de fogo ela não reduziu a cinzas?!

Greta Garbo era o seu nome. Vivia sempre retraída, preocupada, alheia a tudo e a todos. Sua preocupação era aperfeiçoar cada vez mais sua arte. Assim não podia estar sempre a rir e dizer que era muito feliz. Daí a julgarem misteriosa e até mesmo indiferente.

Seu reinado não era diferente dos demais, havia inveja e despeito entretanto também havia reconhecimento do valor alheio. Graças a esse reconhecimento Greta foi subindo, sem parar, a escada da glória e, a cada degrau, seu talento também ia crescendo.

Já esta a muito no alto, quando ouviu uma voz: — "Garbo é bonita, inteligente, mas não é boa nem alegre. Não quer nos fazer rir. Só quer tirar-nos lágrimas e conquistar corações".

Aí então é que aquela rainha soube o quanto estavam enganados a seu respeito, como a conheciam tão pouco.

E aquele coração, que todos julgavam ser uma pedra de gelo, e no entanto era uma grande coração de ouro, disse: — "Não, não é assim. Provarei o contrário; vos farei rir, mostrarei a minha alegria, vos farei rir, riremos juntos".

A rainha então se transformou numa adorável comunista que se chamava Ninotchka. Foi um sucesso. Todos gostaram muito e quiseram vê-la novamente alegre e rindo. Quiseram rir outra vez juntos.

Uns monstros, porém que há muito queriam vingar-se da rainha, realizaram sua intenção. Eles eram: a Inveja, o Despeito, a Ingratidão e o Esquecimento. Este último só conseguiu alguma coisa com aquelas que se deixam levar pelas fascinantes palavras da mentira.

A rainha teve que deixar o seu trono. Tinha agora que se contentar apenas com sua velha amiga, a Solidão. Greta não mais voltaria. Ela não sabia perdoar a ingratidão. Se fôsse divina, como muitos a qualificaram, talvez soubesse.

Quantas vezes a chamaram para voltar a seu trono? Ela porém não queria mais ser amiga de um povo que lhe negou o direito que todos têm, o direito de não ser infalível, ser amiga de um povo que lhe recusou a mão justamente quando ela precisara, aquela mão que tantas vezes se ergueu para aclamá-la! Ficaria sozinha com sua amiga. Não havia mais remédio, assim pensava a rainha. Não podia mais voltar.

Felizmente estava enganada, pois não se lembrara daquele remédio que tudo cura: o tempo. Este remédio curou todas as suas feridas e ela resolveu voltar.

— Por certo seu povo há de recebê-la com a célebre frase de Pirandello: "Como antes, melhor que antes".

Que seja bem recebida, pois se Greta fizer o que muita gente deseja, será só uma vez, só para apagar aquele erro, só para que os fans se lembrem sempre da verdadeira Greta Garbo.

A. BRANCO  
(São Paulo)

## A Bela e a... Flôr

A flor completa a mulher que sabe amar; lembramo-nos dela (da flor), dum branco lírio, por exemplo (ou por sugestão?) e allamos-na à fantasia bela do amor, bela!

Bela — compreender-lhe a alma, amá-la, sentir toda a meiguice de seus gestos mimosos, fitar-lhe os olhos a fim de penetrar no fundo mais profundo de sua alma virginal... adorá-la!...

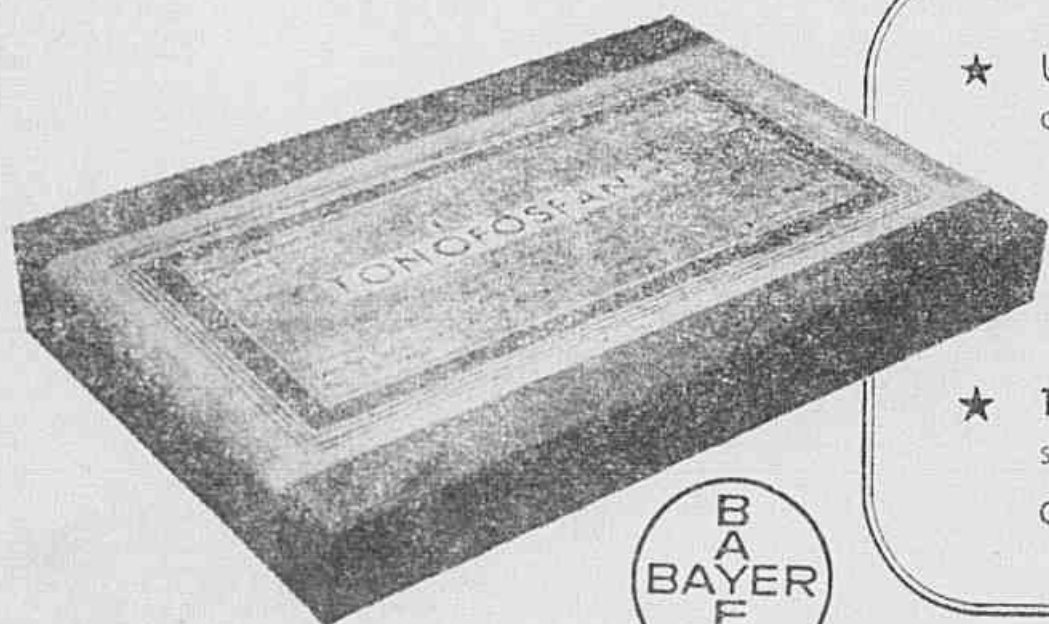
Jean Cocteau é um poeta, feio, dizem, tendo idealizado a sua linda película sobre o conto encantado da Bela e da Fera, inspirado, é quase certo, pelo poema divinal de Anne Gilles, imortalizado no filme surrealista de Carné, essa obra-prima que é "Les Visiteurs du Soir" (Os Visitantes da Noite).

O filme de Cocteau é maravilhoso, encantador e apaixonante, carregado dum lirismo contagiante sublimado pela concepção artística do cineasta francês que entrosou a irrealidade no real de maneira, a mais bela; tudo ali é belo, porque é Bela quem inspira, Bela, a jovem graciosa que não desejava nada mais que uma flor para ser feliz.

A Bela e a flor (uma rosa), mas a flor escolhida era da Fera, monstruosamente horrenda, infinitamente amorosa; a Fera era pavorosamente feia... mas amava, e quem ama não pode ser feio.

(Cont. na pág. 30)

# TONOFOSFAN



★ Uma ampola de **Tonofosfan** contém 11% de fósforo em combinação orgânica rapidamente assimilável.

★ **Tonofosfan** é absolutamente atóxico.

★ **Tonofosfan** não produz efeitos secundários.

Cxas. com 10 e 20 ampólas de 1 cm<sup>3</sup>.

## CARTAS AO EDITOR

Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1949.

Sr. Diretor de A CENA MUDA.

Estou lhe escrevendo esta carta por estar revoltada com o leitor Luís Melo Carvalho. Critica êle as seções de A CENA e desacata o sr. Leon Eliachar. Critica, também Brandão Reis e sua seção "Câmara Lenta", da qual gosto muito e "Cine-Aqui", a qual não menos admiro.

A meu ver êsse leitor sofre das faculdades mentais, porque chegou ao cúmulo de classificar de "sandices" as crônicas de que mais gostei, que são as de autoria do sr. Leon Eliachar.

Não acho que a nossa querida revista esteja decaindo e acho que todas as seções são ótimas e por isso lhe envio sinceros parabens.

Cordialmente,

VERA COUTINHO

★

## "A CENA" NA ESPANHA

### Troca de correspondência

Tortosa, 18 de outubro de 1949.

Sr. Director de la revista A CENA MUDA — Rio de Janeiro.

Muy señor mio:

Agradecería de su amabilidad, me informara de alguns nombres y direcciones de señoritas que deseen sostener correspondencia ya que me interesaría en gran manera, debido a que, como sea que estoy interesado en aprender su lengua Portuguesa, me serviría de práctica al mismo tiempo que podría intercambiar con las mismas revistas de este país con las que Vdes. publican ya que, en esta no veo forma de poderlas adquirir.

Suplicole este favor, en miras a que Vdes. en su sección de correspondencia en sua revista, incluían mi nombre para que, de desearlo algún lector pueda escribirse comigo.

Permitiendome molestarle una vez más, quedaría muy reconocido de Vdes., si me confirmassen esta indicandome si lo que solicito de Vdes. es posible ya que en tal caso, sabré podré confiar con alguna dirección.

Con gracias anticipadas, quedo de Vdes. atto. sfmo. s. s. q. e. s. m.

JUAN GARTÉS

Mi dirección es:

Juan Gartés

Plaza O'Callaghan n.º 6-3.º-3.ª

TORTOSA (Tarragona) ESPAÑA

P.D. — Podría sostener correspondencia en Español o Portugués por mi parte, y tratar en las cartas sobre lo que me fuese solicitado. Cine, Canciones, sellos, etc..



# Em camara lenta...

BRANDÃO REIS

"PARA ISTO FOMOS FEITOS;  
PARA PERDOAR E SERMOS PERDOADOS..."

"Canção de Natal", de Vinicius de Moraes

É SSE "Tortura do desejo", há pouco exibido, é um dos mais dolorosos, pungentes e desesperados documentos de solidão humana. Solidão irremediável, profunda, integral, irremissível, porque vem do fundo do homem mesmo, é produto de sua formação, nada tem a ver com o meio, é um produto de seu temperamento, sua sensibilidade, é sua maneira de ser. E é difícil avaliar até a que abismos de loucura e desespero pode levar essa chaga irremediável, essa tortura que passa a ser como que o próprio alimento daquela vida fanada, inútil, árida e sem horizontes... Uma vida sem comunicabilidade, sem ressonâncias, trancada em si mesma, sem um eco — e essa algidez transforma o algoz em monstro, monstro que se desrecaça das formas mais absurdas. Para esconder a sua fraqueza, faz-se de forte. Transforma-se aos olhos dos alunos, impõe a força e a violência, tortura os rapazes desesperadamente; começa a se vingar de tudo e de todos... Como não consegue um halo de ternura e de carinho, impõe um halo de terror, de medo. Domina. Será assim na classe, será assim com o amor que escolheu fora dela. Transforma a vida daquela mulher numa tormenta, leva-a à bebida, ao desespero, à quase-loucura, ao colapso. E, no entanto, como ele é fraco, que monstro frágil... Uma palavra, um gesto, menos até, o teria salvado — mas como essa palavra nunca foi ouvida, como esse gesto não chegou nunca, ele atinge as raízes da loucura, pratica as maiores insânias. Inúteis, tôdas elas. Nós sabemos — e ele muito mais do que nós — que ele está, simplesmente, apertando o cerco em torno de si próprio, está se aprofundando, cada hora mais no auto-desespero, está se suicidando aos poucos, matando as únicas fontes, as últimas reservas de ternura que ainda poderiam vir a encher um pouco o seu deserto interior. Mas que caminho lhe restará, depois de tudo aquilo? Qual a saída, qual a redenção? O homem só, absolutamente só. Solidão integral, no sentido lato do termo, solidão maior do que tôdas porque rodeado de gente, de alunos, de companheiros, de uma bela mulher, de seus livros, de seus sonhos — sem um carinho, sem uma amizade, "ninguém me quer, estou cansado de gente para a qual nada significo, livros, quartos, arrumadeiras, copeiras, serventes, leiteiros, mãos pagas à hora, não sirvo para nada"... sem um animal, "mas tens um cão", Drumond — ele não tinha um gato, o que teve o mordeu, foi obrigado a matar friamente, ainda trazia a cicatriz de seus dentes nas mãos — solidão integral, absoluta repito — o que poderia fazer, depois dela? Depois daquele instante em que fica sentado na escada, aos berros, desesperado, o reflexo dos balaústres projetando como que uma grade nas paredes, encerrado naquela cadeia negra e profunda, gritando para Vidgreen, o aluno, "acenda a luz, preciso de luz", para Vidgreen, que era, afinal, apesar dos pesares, a sua última esperança de compreensão, a última réstca de carinho

(Cont. na pág. 26)



"TORTURA DE UM DESEJO"  
Desesperado documento de solidão humana

## Artigos finos

- PORCELANAS
- CRISTAIS
- LOUÇAS
- FAQUEIROS
- BAIXELAS
- UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS



Sempre NOVIDADES

Casa PORCELANA

AV. SÃO JOÃO, 304  
S. PAULO

A belera ao seu alcance

LEITE  
**Belviton**

É O ÚNICO PREPARADO QUE REALMENTE ELIMINA AS MANCHAS DO ROSTO, ESPINHAS, CRAVOS, PANOS, SARDAS, ETC. CONSERVA A CÚTIS SEMPRE LISA, BELA E ACETINADA

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

► Rua Souza Dantas, 23 - RIO. ◀

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: —  
Rua Álvares Penteado, 180,  
Sala 502 — Telef.: 3-2649

## EM CAMERA LENTA...

(Cont. da pág. 25)

que ele poderia esperar do mundo, para Vidgreen que se afasta irremediavelmente, o que lhe restará? Dali, daquele instante, daquele ponto, para onde caminhará, agora? Vão me responder os simples e afoitos: — para a loucura, evidentemente. Aquêlê homem já era louco, de há muito estava louco. Engano lamentável em que repousa, para nós, tôda a grandeza daquela tragédia. Aquêlê homem não ganhará, nunca, a loucura. A loucura é uma solução simples de mais, banal de mais — a loucura, a inconsciência a falta de razão é uma felicidade, é uma bênção, é, afinal de contas, uma tranquilidade extraordinária... O tremendo é a sua fronteira, o seu abismo, o desespero consciente, o fascínio que ela exerce sem oferecer a tranquilidade que repousa, é a semi-loucura, é aquêlê professor amarfanhado, amassado como um trapo na escuridão da escada, aquela porta que se fecha sôbre ele irremediavelmente; é a falta de caminhos, é a solidão, enfim...

"Mas não ganhaste a loucura,  
que a loucura se nega àqueles que a procuram.  
Teu destino é vagar pela fronteira  
Do não-ser.

A loucura é a paz é dom de Deus  
E foste felto para seres batido pelos ventos...

Hão de rir os que passam, se abordados  
Por tua voz noturna e teu olhar de fogo.  
Leva contigo o teu destino  
E vê se fazes dêle a tua glória..."

(J. Etienne Filho — poema inédito)

Leva contigo o teu destino — pobre destino,  
que eu não conheço outro mais amargo — e

vê se fazes dêle a tua glória, pobre glória, que eu não conheço outra mais desesperante...

★

Se êsse tema, com essa personagem, é dessa amplitude e profundidade, a maneira como êle foi apresentado, ou melhor, o ambiente em que êle se desenvolveu não poderia ter sido melhor escolhido, mais adequadamente selecionado. Na verdade, em que ambiente melhor poderia se agigantar a tristeza, a luta interior de um homem auto-vencido, senão no meio do magistério, professor êle mesmo rodeado de alunos, com um grande material humano em suas mãos, para trabalhá-lo, para servir de derivativo à sua enorme solidão? E, se depois dessa circunstância, êsse homem ainda fracassa tão lamentavelmente, sua derrota é muito maior.

Na realidade, não existe apostolado mais belo que o do magistério, quando levado com a dignidade, com a grandeza que seu sentido comporta. O magistério, quando encarnado nobremente, passa a ser um sacrifício dos mais belos e sublimes. O professor passa a ver nos seus alunos como que seus próprios filhos, adota seus sonhos e suas ambições, serve de paracheque para suas decepções. A palavra Mestre adquire um significado transcendental. "Senhor perdoai-me que leve o nome de Mestre, vós que também ensinastes..."

Restaria dizer, agora, duas palavras sôbre o drama do aluno. Alguém poderia nos interpelar sôbre êle. Mas se trata, evidentemente, do de menor importância dentro da história. Passada aquela noite no quarto da mulher amada, depois de morta, êle saiu dali inteiramente refeito, pronto para a vida e para a luta, um pouco mais experimentado, agora. Sua casa o espera, seus amigos o solicitam. A cidade, sob seus pés, vista do alto da colina luminosa, o receberá com carinho. Êle está, simplesmente, começando a vida, no vigor pleno dos seus vinte anos atléticos, sem taras e sem complexos, estudioso, com tendências para o violino e para a vitória. Êle tem importância, apenas pelo desespero, pelo poço, pela miséria que deixou, triunfantemente, atrás de si. Quando êle fecha aquêlê portão se desliza definitivamente do professor. E' o triunfo da mocidade, da saúde, da higiene mental. A vitória da burguesia? Não nos atrevemos a discutir. E' a vitória do jovem, enfim. E se êle nos alegra e nos alivia, não podemos deixar de ter uma palavra irmã para aquêlê desesperado farrapo humano, aquela ruína que está sentado na escada na treva à espera de um gesto, de uma luz...

Restaria dizer, agora, duas palavras sôbre o drama do aluno. Alguém poderia nos interpelar sôbre êle. Mas se trata, evidentemente, do de menor importância dentro da história. Passada aquela noite no quarto da mulher amada, depois de morta, êle saiu dali inteiramente refeito, pronto para a vida e para a luta, um pouco mais experimentado, agora. Sua casa o espera, seus amigos o solicitam. A cidade, sob seus pés, vista do alto da colina luminosa, o receberá com carinho. Êle está, simplesmente, começando a vida, no vigor pleno dos seus vinte anos atléticos, sem taras e sem complexos, estudioso, com tendências para o violino e para a vitória. Êle tem importância, apenas pelo desespero, pelo poço, pela miséria que deixou, triunfantemente, atrás de si. Quando êle fecha aquêlê portão se desliza definitivamente do professor. E' o triunfo da mocidade, da saúde, da higiene mental. A vitória da burguesia? Não nos atrevemos a discutir. E' a vitória do jovem, enfim. E se êle nos alegra e nos alivia, não podemos deixar de ter uma palavra irmã para aquêlê desesperado farrapo humano, aquela ruína que está sentado na escada na treva à espera de um gesto, de uma luz...

tão grandemente caracteriza a alma portuguesa.

A noite, depois de um dia de intenso trabalho. Amália subia aos "miradouros", lugar sagrado para os corações dos fadistas, e passava horas cantando as tristezas e as alegrias de sua vida...

Depois, o trono cigano do "Retiro da Severa", numa casinha da Mouraria, deu à cantora e à guitarra o valor de uma coroa. Para ouvi-la cantar o fado vinham os nobres boêmios, gente fadista, malandros de vielas, forcados do Vimioso e valentes toureiros.

E a lágrima, perversa, rolava, sentida, porque aquilo "tocava cá dentro". E a nova cantora, que mais tarde seria um sucesso internacional, revivia os tempos, que conhecíamos apenas através de gravuras, livros e historietas narradas por nossos avós. Parecia que nós também tínhamos participado da humanidade daquele tempo. Era o fascínio da poeira dos anos. E' bem verdade haver poucos fadistas. Também os retiros e as hortas desapareceram. Já não se toca o "choradinho", o "Mouraria", a desgarrada a valer.

A guitarra profanou-se. Há, de certo, bons tocadores. São artistas, dizem. Executam tangos, modinhas, viras, até Chopin, se fôr preciso.

Os fadistas, também sonham com microfone, botam letras de canções e entre cerveja e tremoços, de unhas pintadas e "permanentes" evocam a "Severa", que andava de chinela e faca na liga.

Mas Amália mantém ainda a tradição, não no seu vestuário, mas, sim, e o que é mais importante, nas suas canções. Ela é um reflexo da Lisboa de duelos noturnos e encontros amorosos na calada da noite.

Mais tarde ingressou no teatro, passando a ser, depois de algum tempo, o número de maior atração das revistas musicadas, nas companhias de Piero Bernandon, ao lado de Vasco Santana e Antônio Silva.

O nome daquela garôta "dos olhos sonhadores" passou fronteiras, e até ao nosso país chegou o éco de seus êxitos, que a classificavam como a melhor fadista da atualidade. E ela veio até o Brasil, trazendo consigo como uma mensagem de amor e amizade, e sua voz meiga e maliciosa.

Várias vezes Amália Rodrigues esteve entre nós difundindo a música portuguesa, conquistando platéias que foram unânimes em aclamá-la a intérprete máxima do fado. E depois de cinco anos de ausência mais uma vez Amália retorna às terras brasileiras trazendo consigo mais um "cartaz". O de estréia de cinema.

Quisemos saber da fadista quais as suas impressões ao ver pela primeira vez o "Vendaval Maravilhoso", ao que ela se esquivou, carregando as sobranceiras.

— "Prefiro não falar nisso."

— Tivemos notícia de que viria assistir à estréia do filme. Houve algum contratempo que a impedisse no seu propósito?

— Não. Não houve nenhum empecilho pelo simples fato de eu não ter tido o pensamento de vir ao Brasil antes de o filme ter sido estreado. Tinha um medo pavoroso das críticas. Para mim a melhor performance, como atriz cinematográfica, foi no filme "Fado", tão elogiado pela crônica lisboeta e que se manteve em cartaz pelo espaço de sete meses. O filme, com um argumento escrito por Armando Viçeira Pinto, ganhou o primeiro prêmio de direção, assim como o primeiro prêmio de interpretação feminina do ano a mim atribuído.

Francamente, tenho uma grande pena que essa realização não tenha sido exibida aqui no Brasil, onde obteria certamente um êxito assombroso. A canção principal do filme é o "Fado de cada um", ou seja, o destino de cada um.

Tanto o "Fado" como "Éramos sempre irmãos", "Mouraria" e "Capas Negras", êste último filme, focalizando a Universidade de Coimbra, onde atuei ao lado do tenor Alberto Ribeiro, são produções anteriores ao "Vendaval Maravilhoso". Estou satisfeita com a minha experiência no cinema esperando continuar a filmar o que se verificará, pois já estou

(Cont. na pág. 30)



● Por não ter cuidado, com a devida atenção, na limpeza do seu motor, vê-se agora o Sr. obrigado a dispendiosos concertos. O que se dá com o automovel dá-se muito mais ainda com o organismo, máquina complicada e delicadíssima. O aparelho renal, por exemplo, requer especiais cuidados de limpeza e desinfecção.

● Execute-os, periodicamente, com **HELMITOL** de Bayer e evitará distúrbios na saúde presente, assegurando-se, além disso, uma velhice sadia e livre de achaques.

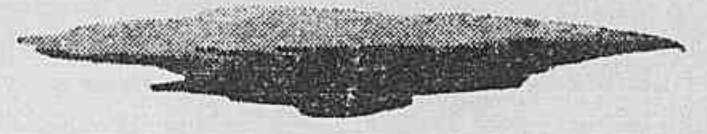
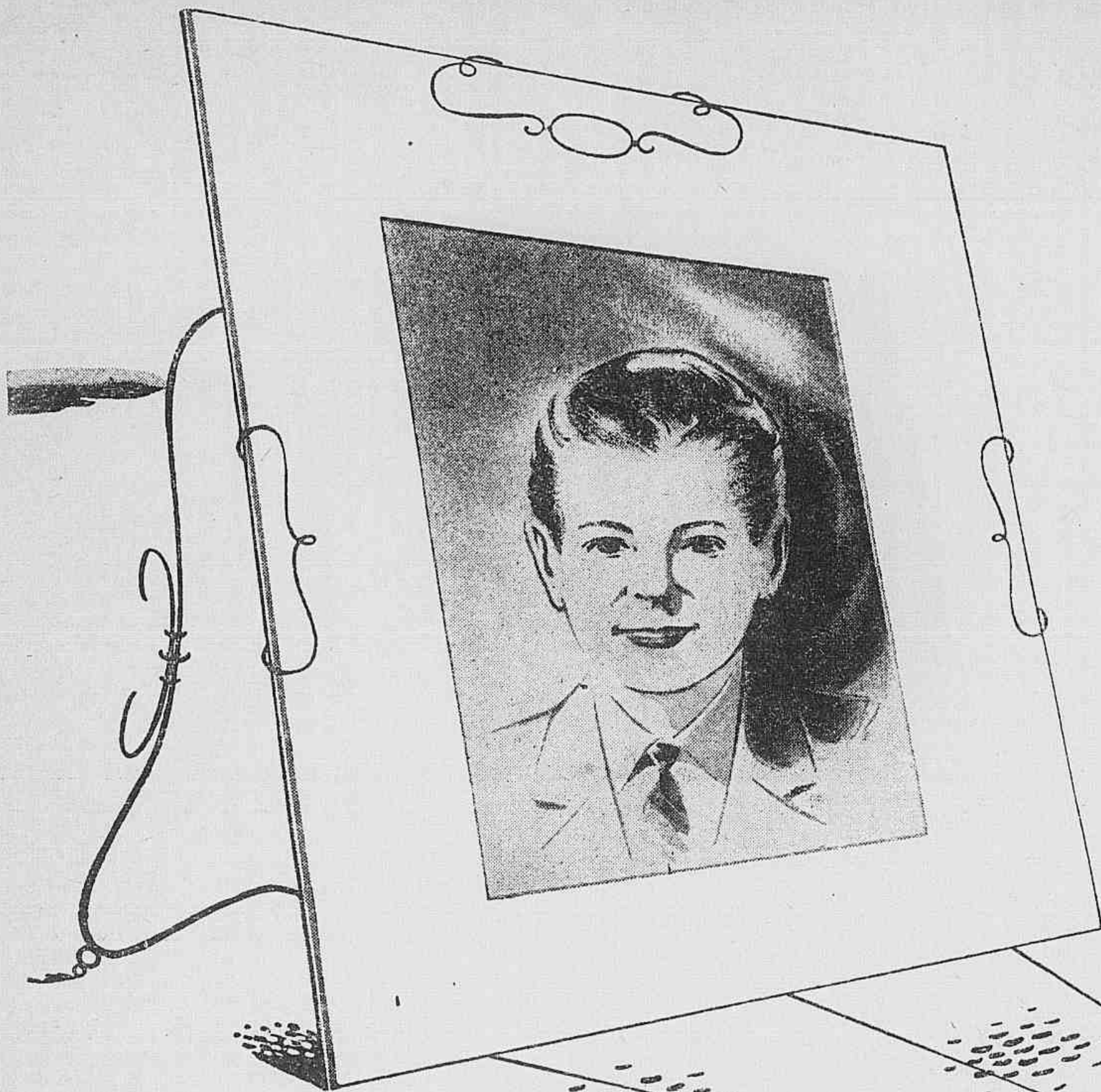


SE OS RINS VÃO BEM  
A SAÚDE É BOA

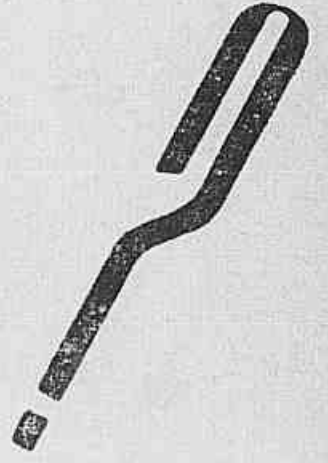
# HELMITOL



LIMPA E DESINFETA OS RINS



Que será seu filho AMANHÃ



advogado  
engenheiro  
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iodo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.

# TÔNICO INFANTIL



B.P.-R. 1

tybyrocá

# Rádido

De A. C.

## MICROFONE ABERTO

### AS RESPONSABILIDADES SOCIAIS DO RÁDIO... (I)

Existem no rádio muitos reclames que nos convidam ao sorriso, tais são as mil virtudes que prometem numa forma quase milagrosa.

"Como possuir lábios que os homens adoram", etc., foi o aviso comercial de certa marca de baton. Um conhecido escritor perguntou-me: "Será isso um insulto ao espírito do homem ou da mulher?" Respondi-lhe que isso era mais um signo da fraqueza espiritual de nossos tempos.

Momentos depois ouvi, noutra prefixo, êstes insistentes textos de propaganda: "Compre hoje mesmo; é nacional, mas é bom..."

"Senhorita, toda sua felicidade, toda sua beleza, encontra-se encerrada numa caixa de pó de arroz marca X; adquira-a imediatamente".

Noutra emissora, com barulhento fundo musical, escutamos:

"Use hoje mesmo o baton X; nele você descobrirá, em seguida, um novo método de cativar os olhares de todo o homem que encontrar, etc."

Vê-se que a tendência dos anunciantes é a de deformar o amor, sensualizar a vida, exaltar os sentidos, difundir os erros e fazer da satisfação do instinto animal a aspiração máxima da existência humana.

Observemos nos dizeres de propaganda radiofônica:

"Pestanas escuras, luxuriosas, instantaneamente as obterá usando o rimel X".

"Alexandre, o Grande, fascinou-se com a maravilhosa beleza de Thais. Seus lábios excitantes capturaram seu indomável coração e dominaram sua vontade. Para satisfazê-la saqueou a cidade de Persápolis, porque uns lábios sedutores são sempre irresistíveis".

Ainda na mesma estação de rádio: "A Marquesa de Pompadour, favorita do Rei Luís XV, diariamente passava horas inteiras no seu toucador realçando o encanto irresistível de seus lábios divinos. Você, senhorita, pode conseguí-lo em poucos minutos usando o baton X".

"Fume, beije, beba e faça o que desejar, segura de que o baton X... lhe imprimirá um selo indelével em sua personagem".

Deixamos à consideração dos leitores as sugestões que encerram êstes apostolados sensualistas do rádio sem controle. Perguntaremos se com êstes ensinamentos da sociedade queremos que a infância de hoje chegue a formar uma juventude sã de espírito.

Qual será o lógico produto destas sugestões?

Formarão as mulheres um grupo de nobres sentimentos, laboriosas, prudentes e de caráter, condições essenciais de quem tem a elevada tarefa de educar os homens?

Ou serão, ao contrário, fruto desse ambiente de mães céticas, agarradas a mil caprichos, por completa escassez de ideais e influências nobres?

Há pouco, um famoso psicólogo europeu dizia: "Perguntai aos diretores de broadcastings se os temas que exigem ausência de malícia ou sugestões de segundo sentido gozam de popularidade". A resposta seria, sem dúvida, negativa, porque o critério popular forma-se à base de sugestões, especialmente pelo rádio, cuja influência sobre o nosso povo é ponderável.

## OUVIMOS EM ONDAS CURTAS...

o programa de Natal da BBC intitulado "A Elite Esquecida", uma melancólica história dos homens e mulheres "que não podem voltar". Os 40.000 intelectuais deslocados, ora vivendo nos campos da Europa ocidental. Médicos, advogados, artistas, professores, especialistas de alto valor, a quem o turbilhão da guerra arrancou das ocupações pacíficas e que só divisam desesperanças no horizonte. Pessoas que nenhum país, nenhum governo deseja receber como refugiados. Há mercado para o músculo, mas não há para cérebros. Não existem arrematadores no leilão da Elite Esquecida.

...A transmissão desse relato, em forma dramatizada, é como um desses bons propósitos que tanta gente forma ao iniciar um ano novo — um voto de melhor futuro. E que esta história de tristes, assim divulgada, possa ajudar a minorar a amargura desses milhares de infelizes — mais desgraçados ainda porque inteligentes e cultos — é uma esperança que afagamos ao apagar das luzes de 1949.

## CURIOSIDADES...

Barbosa Júnior é o padrinho de casamento de Ciro Monteiro.

★

Paulo Roberto foi quem descobriu Mário Brazini.

★

A atriz Zezé Fonseca foi durante bastante tempo cronista do "Diário da Noite".

★

Lenita Bruno teve o seu primeiro contacto com o microfone aos doze anos de idade.

★

O nome por extenso de Castro Barbosa é Joaquim Silvério de Castro Barbosa.

★

Cordélia Ferreira ingressou no rádio em 1936.

★

A rádio-atriz Teresa Costa é avó da bailarina Eros Velusia que é filha da grande poetisa Gilka Machado.

★

O verdadeiro nome de Paulo Roberto é José Marques.

★

Grande Otelo iniciou-se no rádio em 1935, na Guanabara.

★

Alvarenga e Ranchinho formaram a dupla em 1933.

★

"O Anel de Esmeraldas" foi a primeira novela escrita por Raimundo Lopes.

★

A orquestra Carioca está no rádio desde 1946.

★

A primeira produção de Antônio Maria foi uma tragédia sobre Jangadeiro Jacaré.

★

A Rádio Tupi foi a primeira emissora carioca a irradiar histórias policiais em capítulos.

★

"Sorriso de Criança" foi o primeiro samba que Araci de Almeida gravou.

# QUAIS SÃO OS SEUS DESEJOS PARA 1950?



**LUIS DE CARVALHO**

"O que se poderia desejar no Ano Santo? Que Deus Nosso Senhor não perca de vista a família brasileira, dando-lhe paz e tranquilidade espiritual e material. Que o rádio seja repleto de bons programas... Que haja uma fraternidade cada vez mais intensa entre todos os que nele trabalham... Que eu consiga um lugar bem bom no coração dos ouvintes... Que a minha Anamaria, minha mãezinha e todos aqueles que me são caros tenham muita saúde e sejam bastante felizes."



**ALMIRANTE**

"Que o Prefeito acabe as obras começadas; que as estações climáticas voltem à normalidade; que os cientistas descubram mais uns 10 medicamentos essenciais; que a Deusa Fortuna se lembre da minha existência. Que o Rádio melhore ainda mais, sob todos os aspectos."



**ODUVALDO COZZI**

"Em 50 toda a crônica esportiva tem um só e grande plano: — o plano da Copa do Mundo! E' como se alguém mudasse de casa. No Estádio Municipal, nossa nova e grande casa, tudo é imenso! Para não falharmos à obra e ao acontecimento, teremos que apresentar um imenso trabalho. E é sobre que estamos pensando."



**CARLOS PALLUT**

"Que neste ano eu e a Alba Regina sejamos três. Que o Getúlio venha logo para a presidência; que caiam as máscaras de certos "cantores" que o rádio possui, que o broadcasting nacional seja entregue a quem realmente conheça o rádio."



**OLIVINHA DE CARVALHO**

"Desejo ganhar muito dinheiro para poder comprar uma casa para meus pais."



**LOURIVAL MARQUES**

"Se possível, deixar o rádio para tentar cinema e teatro. Do contrário, voltar às minhas verdadeiras funções: produtor de novelas e programas."



**ALBA REGINA**

"Toda a felicidade para meu filho que vai nascer e muitos êxitos na Tupi para mim e o Pallut."



**D'ANDRÉA NETTO**

"Que todos os ouvintes alcancem os seus mínimos desejos, e que continuem nos ouvindo, com tolerância e simpatia."



**AMARAL GURGEL**

"Para 1950 desejo, Paz, Paz e Paz; melhores programas e elevação do nível intelectual do nosso rádio."



**SÍLVIA AUTUORI**

"Em 1950 pretendo pagar as dívidas. Desejo escrever boas novelas. Comemorar, com uma grande festa as minhas bodas de prata."



**CARLOS FRIAS**

"Desejo a eleição do Brigadeiro Eduardo Gomes para a Presidência da República. Desejo grandes êxitos para a companhia da Aimée."



**HAIDE MIRANDA**

"Que os sonhos de todos se concretizem neste ano."

ONDE CAFIASPIRINA CHEGOU  
A DÔR PAROU



**CAFIASPIRINA**  
ALIVIA E REANIMA

## Uma dupla de sucesso

(Cont. da pág. 21)

Reuniram-se ainda uma vez numa comédia romântica que fez a delícia dos americanos — "O Homem dos Meus Amores". Um sucesso tão grande que o estúdio, desde então, tem recebido diariamente centenas de cartas reclamando por um novo filme com a dupla inigualável nos "roles" estelares.

A resposta a esses pedidos aí está: "A Vida é um Jogo" (Mr. Soft Touch), uma maravilhosa comédia que os críticos classificam como de "amor e alegria numa combinação de alto impacto"! Glenn Ford, no papel de um jogador que, fugindo à polícia, encontra um delicioso refúgio no apartamento de uma garota desconhecida, está simplesmente sensacional. E novamente o Glenn Ford de "Gilda". E Evelyn Keyes, a sedutora dona do apartamento, afirma-se definitivamente uma das mais completas comediantes que Hollywood já conheceu.

"A Vida é um Jogo" foi dirigido por Henry Levin e Gordon Douglas. Coadjuvando Glenn Ford e Evelyn Keyes veremos John Ireland, Beulah Bondi e Percy Kilbride.

## UM NOVO FILME PORTUGUÊS EM PRODUÇÃO

(Cont. da pág. 9)

desde a reconstituição de locais típicos de Lisboa como a famosa adega do Machado, pitoresco restaurante do Bairro Alto, de ambiente tão típico e popular, aos interiores luxuosos de algumas dependências do S. Carlos, o célebre teatro de ópera, de opulenta beleza arquitetônica e de tão grandes tradições e prestígio lá fora, por forma a não haver qualquer interrupção nas filmagens de interiores.

No elenco da "Cantiga da Rua", um filme que é produzido por Filmes Albuquerque, uma das mais ativas empresas produtoras portuguesas, tomam ainda parte alguns nomes de prestígio e popularidade nos quadros do cinema português. Assim, entre os intérpretes daquela comédia musical contam-se os artistas Eunice Muñoz, Alves da Costa, Luíza Durão, o jornalista e crítico cinematográfico Augusto Fraga, que é também um elemento valioso entre os atores do cinema português, Maria Olguim, etc.



## A Bela e a... Flôr

(Cont. da pág. 23)

Houve um cronista (Jorge Ileri, de "Diretrizes", Rio), que achou a obra-fantasia de Cocteau extremamente subjetiva, dizendo que o cineasta e poeta a concebeu por ser feio, por ser "um lírico mórbido" e "La Belle et la Bête" nada mais que "uma libertação de recalques".

Não sei se o cronista é feio ou bonito ("bonitão", como dizem por aí), porém, quem imaginou "a tragédia amorosa de um homem feio e bom que procura ocultar a feiura pela bondade" não foi Cocteau e sim, Leprince de Beaumont, e muito antes de a gente aprender a escrever já conhece a famosa lenda, logo, a manifestação interior de Cocteau... não é dele apenas, pode ser de muita gente e pode ser... ora, e minha também.

Josette Day foi Bela, e eu a amei sentindo-me a Fera, e que momentos inolvidáveis aqueles em que a vi na tela; a revi na tela muitas e muitas vezes, querendo-a ver mais u sem número de vezes, desejando-a para mim e para a minha fantasia de brancos lírios em flor, esperando, talvez, que ela me ame e consiga, co ma força do seu puro e inocente amor, transformar a Fera que existe em mim!

Fera! — ser Fera e amar! — ser Fera e ser amada! — sinceramente, ardorosamente — ser Fera... ou não ser nada! — viver um drama cinematograficamente.

Os felos compreenderão melhor do que ninguém, a lenda de Beaumont, a deliciosa e fantástica lenda que conhecemos quando ainda crianças e a desejamos... (por que não?) quando crescemos.

Era uma vez... e será em tôdas as vezes, será sempre assim enquanto houver gente feia que saiba amar, que queira amar, ou então... então os felos não devem amar; as Feras só serão amadas nas lendas, nas fantasias, nos filmes!

Analisando o amor chegamos à conclusão de que é um sentimento sublime, mas quase ridículo também, e prefiro cair no ridículo, prefiro amar Bela, prefiro a ilusão, a fantasia... e ser feliz, esquecendo estes dias tumultuosos, estes momentos incertos, esta época agitada de bomba atômica e radar, de televisão e de matéria plástica; esquecer este dinamismo do século XX sentindo-me a Fera da Bela!

Bela! — branco lírio em flor, simbólica como uma Flor de Lys, e há em Bela tanta poesia, tanta ternura, tanta afeição que não sabemos (eu não sei), se amo Bela por Josette Day... ou se amo Josette Day por Bela!

DARIO HAUER (Rio)

### NOTA DA REDAÇÃO

Solicitamos de nossos leitores que queiram colaborar nesta coluna a fineza de nos remeterem os originais dactilografados em espaço dois. Não se trata de "luxo" nem de "preguiça", como supõem alguns, mas simplesmente pelo fato dessa medida nos facilitar o trabalho, para possíveis correções, e para que se torne mais clara a leitura, o que nem sempre acontece quando os artigos nos chegam escritos à mão. Os originais não publicados não serão devolvidos.

## Amália Rodrigues...

(Cont. da pág. 26)

escolhida para intérprete principal da nova versão da "Severa", contracenando com o grande ator patricio Antônio Vilar. A rodagem da referida película se dará em meados de 1950.

Para lhe falar com franqueza não atua no rádio em Portugal, pelo fato de pagarem muito mal, mesmo quando os programas são irradiados pela Emissora Nacional. Cantei esporadicamente no Rádio Clube Português, em algumas audições APA (Agência de Publicidade Artística) nos primeiros esforços sérios para a exploração da propaganda comercial pelo broadcasting luso. Ademais, eu me dedico, sobretudo, a atuações em boites, e ultimamente em excursões pelo estrangeiro. Em Paris cantei no "Maxim" e no "Champs-Elisées", onde o fado está agora sendo conhecido e admirado. A Josephine Baker canta em Paris "Margarida vai a fonte" num estu-pendo arranjo do maestro Fernando de Carvalho. Como vê não só o fado como as outras modalidades de música portuguesa estão tendo divulgação na França e na Espanha, onde me apresentei na boite "La Retoite".

— Quais os fados que mais gosta de cantar?

— "Mouraria" e o "Fado Menor".

— Ouvimos dizer que canta música espanhola, o típico "canto-hondo", bem assim como canções nacionais. Incluiu no seu repertório algumas novas canções nesta sua temporada no Brasil?

— Preciso lhe explicar que canto em espanhol e em brasileiro por brincadeira, por "afic-

cion". E' verdade que das outras vèzes que aqui estive cantei em espanhol pelo rádio. Mas isso foi por que andaram espalhando que eu interpretava canções típicas da terra de Velasquez.

A propósito de eu cantar outras músicas que não sejam portuguesas tenho um fato curioso para lhe contar.

Estando numa boite, aqui no Rio, lembrei-me de entoar a "Falsa Baiana". Desde esse momento em diante os meus amigos não me deixaram sossegada, pedindo a todo instante para eu cantar "Falsa Baiana". Mas a música brasileira que mais me agrada é "Aquarela do Brasil".

— Diga-nos, Amália: são boas as compensações financeiras nessas excursões que você empreende pelo estrangeiro?

— "Talvez se admire se eu lhe disser que não. Ganho muito mais no meu próprio país do que na França, Inglaterra, Espanha ou no Brasil. A maioria dos artistas recebem muito mais quando saem da terra para trabalhar fora. Comigo acontece justamente o contrário. Ganho mais quando atuo em Portugal. Em Lisboa, percebo 15 contos por noite, coisa que não se dá em qualquer dos países que tenho visitado, inclusive o Brasil. Penso que esse é um caso se não inédito pelo menos pouco comum."

— E como explica o fenômeno?

— "O fado é uma modalidade de música difícil de ser compreendida e portanto pouco acessível ao público que não seja o português. Em Portugal sou muito melhor compreendida, sendo considerada a melhor intérprete fadista. Quando excursiono, exibindo-me em boites e cassinos, já não se passa a mesma coisa pelo fato de que as minhas canções depender de compreensão e principalmente de ambiente. Os portugueses se interessam muito mais pelas minhas interpretações do que quaisquer outros."

— Qual é a base harmônica do fado?

— "No fado o acompanhamento procede a melodia, e não vice-versa, como normalmente acontece. Este acompanhamento consiste propriamente na repetição alternada, estritamente simétrica dos acordes de tônica e de sétima de dominante. Excepcionalmente, em fados modernos, aparecem modulações bastante comuns. Nesta base harmônica, pré-existente, condicio-

nada por ela, a ela subordinada, se enxerta a linha melódica vocal. Seria difícil cantar, e impossível conceber a melodia, sem tal base harmônica. No entanto é o fado uma canção popular urbana absolutamente autêntica."

Os nossos votos é que a artista continue difundindo a música de sua pátria.

Amália Rodrigues continuará, estamos certos, a divulgar com honestidade e desassombro o fado em suas viagens pelos diversos países do mundo levando Portugal consigo com as suas nuances e reflexos da civilização moura, que tanto se enraizou na alma e nos tipos portugueses, quando ela voltar a Portugal certamente irá, como nos tempos da meninice, cantar nos "miradouros" como um gesto de gratidão, ao destino que quis que ela fôsse a portadora para além-terras, do coração português.

## TELAS DA CIDADE

(Cont. da pág. 7)

das Ilusões" (1942), produzido e cenarizado pelo próprio autor do conto original.

Como "Dada em Penhor", que consagrou Shirley Temple, "A Menina dos Meus Olhos" tem por base o conto "Little Miss Marker". Como aquela produção de 1934, o filme de agora usa somente o ponto de partida da história — o fato de ser uma menina de quatro anos deixada como p-nhor de uma aposta nas mãos de um "book-maker" mesquinho — e algumas personagens de Runyon. Além da menina, temos o tipo que forneceu o título original a esta segunda versão, "Sorrowful Jones" — bem traduzido como "Tristinho" — e "Regret" ("Remorso"), sendo "Milk Ear Willie" ("Willie Orelha de Leite") substituído por um camarada que atende pelo nome de "Once Over Sam" (aproximadamente, "S.m o Revistador"). Todos os outros tipos foram inventados pelos primeiros cenaristas, ou mesmo pelos novos, inclusive o que é interpretado por Lucille Ball, a magnífica heroína de "A Rua das Ilusões".

Como versão cinematográfica de Damon Runyon, portanto, "A Menina dos Meus Olhos" é tão ilegítima como "Dada em Penhor", continuando "A Rua das Ilusões" (com direção de Irving Reis) a ser a mais fiel reprodução do estilo do contista no cinema — cabendo um segundo lugar a "Dama Por um Dia", versão de "Madame La Gimp". Ainda assim, o filme de Lanfield tem algumas qualidades, não sendo a menor o desempenho de Bob Hope.

Possivelmente, pela primeira vez, o comediante mostra que pode interpretar outra personagem que não Bob Hope. Seu trabalho em "A Menina dos Meus Olhos" chega a constituir uma verdadeira caracterização, e apenas em raros momentos vemos o gaiato incontrolável, cheio de recursos radiofônicos, que tantos cabelos brancos tem dado a seus diretores mais responsáveis. O mais admirável é que Sidney Lanfield, um diretor nada além de razoável, o tenha conseguido.

A menina Mary Jane Saunders é engraçadinha, mas espero que a Paramount não queira transformá-la em outra Shirley Temple, deixando que volte sossegada para casa. Lucille Ball passeia por um papel sem grande interesse, e William Demarest, muito parecido com o Lynne Overman da primeira versão, nada tem a fazer. O maior concorrente de Bob Hope e da gracinha de Miss Saunders é o "gangster" Tom Pedi, ou melhor, "Once Over Sam".

Desprovida da amargura irônica de Damon Runyon, "A Menina dos Meus Olhos" ainda consegue reter alguma coisa do grande contista, resultando numa comédia leve e por vèzes divertida.

## PARA PROFESSORES PRIMÁRIOS E PAIS DE ALUNOS

### O ENSINO

A revista pedagógica — didática de maior divulgação no Brasil.

Trazendo planos de trabalhos, numerosos exercícios para cada série primária de acordo com os programas oficiais.

**DIRETORES:** Frederico Trotta — presidente do Instituto de Professores Públicos e Particulares, Laudímia Trotta — superintendente do Ensino no Distrito Federal.

Assinaturas anuais (4 ns.): Distrito Federal — Cr\$ 15,00; Estados — Cr\$ 20,00.

★ Pedidos, mediante vale postal, para Rua Sete de Setembro, 207 - 3.º andar - Rio

## Grande descoberta para os calvos

**TÔNICO CAPILAR "AMARALINA"** — (Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia). De base vegetal dá certeza absoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos, elimina totalmente a caspa e com a continuação fará voltar a sua saudosa cabeleira. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc., a Cr\$ 35,00 o vidro

Aceitamos pedidos pelo Reembolso Postal. Preço: Cr\$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — Avenida Rio Branco, 137 — 6º andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO

**A Agua Sanitaria CLARINHA**  
Dá valiosos brindes na chapinha

## Publicidade

para A CENA

MUDA em

São Paulo:

Rua Álvares

Penteado,

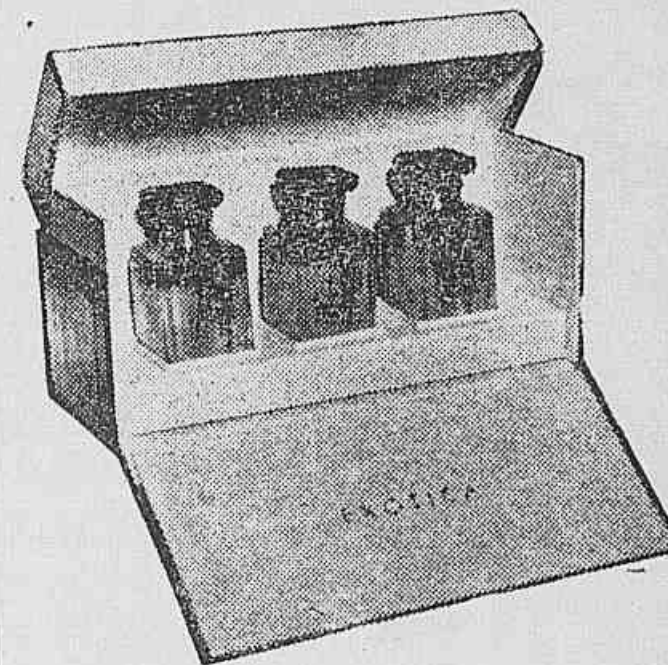
180, sala 502

Tel.: 3-2649

## PERFUMES EXÓTICA



**NARCISO NEGRO**  
Delicado perfume, em elegante estojo forrado com finíssimo cetim, constituindo valioso presente  
CR\$ 45,00



Lindo estojo com 3 vidros de finos e exóticos perfumes diferentes  
CR\$ 55,00

Pelo Reembolso Postal, sem qualquer outra despesa. Pedidos à  
**PERMUMARIA EXÓTICA**  
RUA CAMPOS DA PAZ, 165  
Fone: 48-8137  
Enviamos catálogos a quem solicitar



## A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

## BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME .....  
RUA ..... Nº .....  
CIDADE ..... ESTADO .....

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00

Por EDITH TALCOTT

(Especial para A CENA)

# BETTY HUTTON NA INTIMIDADE



Um dos passatempos de Betty é entreter as amigas. Ela se sente orgulhosa de sua casa e gosta de oferecê-la aos amigos. É um encanto a maneira como ela prepara a mesa com originalidade e bom gosto.

Betty Hutton é o tipo encantador de mulher que devota toda a sua vida à família, dividindo o seu interesse entre o marido e os filhos. E todo o mundo escuta, quando "Mrs. Ted Briskin" fala do seu lar e de sua família.

De fato, Betty Hutton é um conjunto excepcional de encanto e senso comum, de que muito se orgulha a Paramount. Num intervalo da filmagem de "Let's Dance", Betty mostrou a Fred Astaire seu companheiro de elenco, os últimos instantâneos de suas filhinhas, Lindsay, de 3 anos, e Candice, que só tem 18 meses, e era mais do que evidente o orgulho com que exibia as fotos das garotas. Betty mostra tanto entusiasmo e vitalidade quando fala de sua família que, ao contrário dos rumores havidos recentemente, a gente logo percebe que essa talentosa artista descobriu o segredo do sucesso na vida matrimonial — a habilidade de combinar, em proporções adequadas, a sua carreira profissional e os seus deveres de mãe de família.

Betty e Ted, o qual é presidente de uma importante companhia produtora de câmeras, levaram muito tempo até encontrar a casa dos seus sonhos. Andaram de carro, de um lado para outro, procurando as propriedades com o anúncio "à venda", porque desejavam uma residência com bastante terreno à volta.

Num mundo de competição entre celebridades, cada qual querendo ultrapassar a outra, em tudo e por tudo, para impressionar os turistas e os visitantes com suas mansões imponentes, os Briskins são gente simples, recusando-se a viver de acordo com os supostos padrões de Hollywood. Ted e Betty são inteira e naturalmente felizes, achando que a sua casa é para uso deles e não para exibição. Vivem numa habitação confortável, de dez peças, num só andar, cercada de flores e de árvores frondosas, e o único elemento de luxo dessa residência de estrela de cinema é uma piscina.

A história de Betty Hutton é realmente a de uma cinderela. Um exemplo de iniciativa e de coragem, em que essa vulcânica artista passou de cantora desconhecida ao estrelato de Hollywood. Betty, de fato, conseguiu um triunfo espetacular, combinando o canto com a acrobacia, e o seu sucesso foi um resultado direto da sua incansável vitalidade. E o seu sucesso certamente há de se tornar ainda maior com a sua comédia "Brasa Viva", uma das mais recentes produções da Paramount, em que ela aparece ao lado do musculoso Victor Mature. Mais



Betty e seu marido, Ted Briskin, num recanto delicioso de sua residência, arranjando e decorando de acordo com o gosto da artista. Depois de um dia de trabalho, nada como a atmosfera "quente" do lar...



Betty ofereceu uma recepção em honra de uma amiga que se casava. A mesa tinha uma toalha de organdi refinado, com aplicações de desenhos de flores. A gaiola, deve ser um símbolo da vida de casado...





Betty Hutton é tão boa como boa cozinheira. Ela, aqui, preparando uma saborosa galinha, no estilo do sul dos Estados Unidos. Galinha preparada por Betty é um dos pratos favoritos de Ted

uma vez Betty exhibe suas notáveis qualidades de extroverta, cantando e dançando naquele estilo furibundo que a tornou famosa.

Terminando o árduo dia de trabalho no estúdio, Betty voa para casa — o seu recanto de Brentwood — onde ela e Ted entretêm os seus numerosos amigos. O arranjo e a decoração da residência são de caráter alegre emoderno, despretensioso sem ser boêmio, em que predominam os tons de verde claro e beije. Complementarmente, o piano o mobiliário e os acessórios são do gênero que encanta a vista, sugere-



A loura vulcânica é uma excelente contadora de histórias da Carochinha. E ela representa os papéis dos personagens que descreve, quando conta histórias para sua filha Lindsay

rindo conforto e bom gosto. Betty tem um talento natural para a decoração de interiores, de modo que a sua casa tem uma atmosfera de originalidade, em que predominam as combinações de cores de um cunho todo especial.

Ao contrário da maioria das famosas estrélas, Betty é sentimental e ao deixar o estúdio deixa de ser a artista de renome para ser simplesmente a dona de casa — devotando todo o tempo que lhe sobra a Ted e às duas filhas.

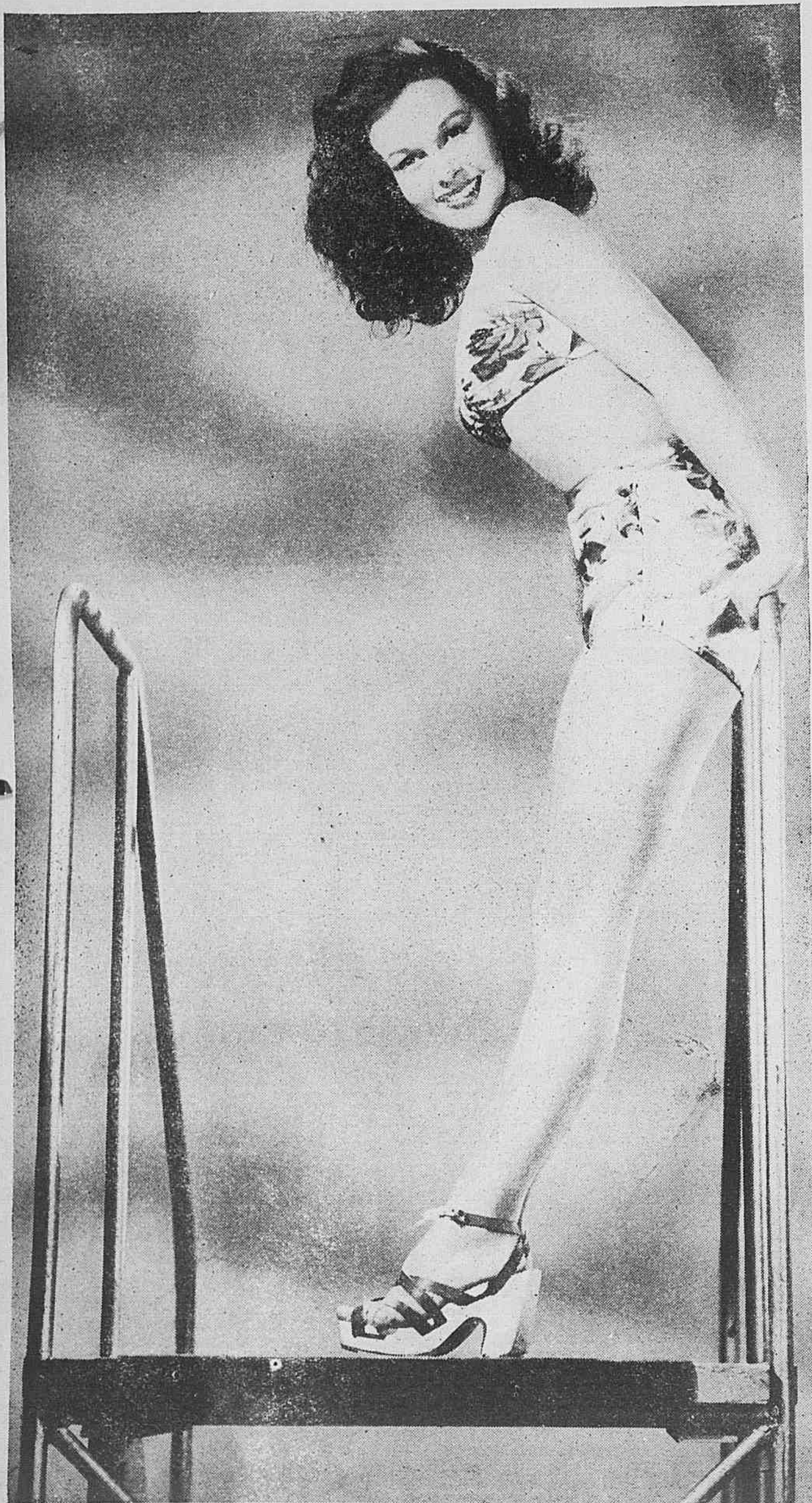


Eis o trio da família Hutton, numa boa piada. Betty deve estar dizendo à sua irmã e à sua mãe qualquer coisa relacionada com a película que está filmando para a Paramount: "Let's Dance", com Fred Astaire



Qual a dona de casa que não sonha com uma cozinha como esta? Quando os artistas do elenco de "Let's Dance" provaram os bolinhos de Betty fizeram elogios. E Fred reconheceu nela uma exímia cozinheira

# Pausa para meditação



**SUSAN HAYWARD**  
(U-INTERNATIONAL)

## DE TODO O MUNDO

**HOLLYWOOD** — A conhecida atriz Maria Ouspenskaya faleceu nesta cidade em consequência das queimaduras que recebeu por ter-se incendiado o seu leito, devido a uma ponta de cigarro. A artista — que contava 62 anos de idade — veio para os Estados Unidos em 1923, integrando o Teatro Artístico de Moscou.

**BUENOS AIRES** — Encontra-se nesta capital, em visita de férias, a atriz norte-americana Florence Marly.

**HOLLYWOOD** — Richard Dix deixou metade de seus bens — mais de 100.000 dólares — para sua esposa, tendo ficado o restante em nome de seus filhos.

**LOS ANGELES** — Faleceu aqui num desastre de automóvel o ator cinematográfico Craig Reynolds, que contava 42 anos de idade. Craig havia iniciado sua carreira no cinema em 1934, interrompendo-a com o advento da II Guerra Mundial, na qual foi um dos primeiros atores de Hollywood a se alistar.

**ROMA** — Encontram-se nesta cidade a atriz e o diretor britânico Valerie Hobson e Carol Reed.

**CALCUTA** — Jean Renoir iniciou aqui as filmagens de sua nova película, "Ganges". As primeiras tomadas foram feitas "in loco" em Narayanganj, Bengala.

**RIO** — Chegou a esta capital a estrelinha cinematográfica norte-americana, Ramsay Ames.

**BOMBAY** — A publicidade da Metro nesta cidade anunciou que três quartos na novela de Rudyard Kipling, "Kim", serão filmados na Índia. Errol Flynn será o principal protagonista.

**COPENHAGUE** — Duas reprises: "O Morro dos Ventos Uivantes" (Goldwyn) e "Primaveras" (MGM), estão fazendo uma carreira absolutamente inédita num grande circuito desta capital, batendo todos os records anteriores de receita, no que se refere a reprises.

**BARCELONA** — Seguiu para o México, em viagem de férias, o ator Jorge Mistral.

**ROMA** — Terminaram-se nesta capital as filmagens de "Faust", o novo filme de René Clair.

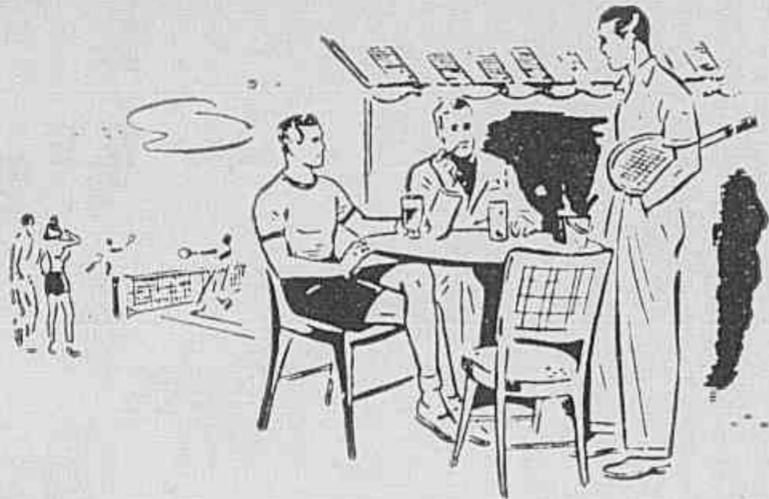
**EDINBURGH** — Encontra-se atuando no Empire Music Hall desta cidade, o ator e cantor americano, John Boles.

**PARIS** — George de la Grandiere, que financiou a película "Monsieur Vincent", partiu para os Estados Unidos a fim de assinar o acôrdo referente à exibição de seu novo filme "Divine Tragedy".

**PARIS** — Josephine Baker está de volta à Cidade Luz, fazendo um grande sucesso no "Folies Bergere", exterminando assim todos os rumores acêrca de sua aposentadoria.

**HOLLYWOOD** — Por haver se recusado a trabalhar — sob empréstimo — na fita "The Shoplifter", da Universal, foi suspensa pela diretoria da Warner Brothers, a atriz Alexis Smith.

Para seus momentos de recreio...



Acentue a cordialidade e alegria dos ambientes com o saboroso Gin Dubar. Tome-o, de preferência, com Água Tônica Antártica ou em cocktails, mas sempre gelado! O Gin Dubar é produzido com álcool de cereais altamente retificado, aromatizado com "Juniper-berries" (bagas de zimbro) e matérias primas NATURAIS sob a seleção e a análise rigorosa do Laboratório-Contrôle da produtora. Como toda a linhagem Dubar (Licores, Vermouths, Cognacs e Aperitivos) Gin Dubar é isento de essências. Exija sempre, no Empório ou no Bar, produtos Dubar.

Gin **DUBAR**



Um "cocktail" Dubar para você  
MARTINI SÊCO

Metade da batedeira com pedacos de gelo e acrescente: 1 golpe de Angostura Dubar, 1 golpe de Whisky Dubar, 1/2 dose de Dry Gin Dubar, 1 dose de Vermouth Dubar (tipo francês). Agite e misture bem e deite nos calices para "cocktail", juntando uma azeitona e o suco de uma fatia de limão.



RIO DE JANEIRO  
Rua Riachuelo, 92

SANTOS  
Rua Martim Affonso, 143

SAO PAULO:  
Rua Frederico Steidel, 156 - 1.º andar

